



**O LUTO DE FAMÍLIAS MULTIESPÉCIE NA PERSPECTIVA
DA TEORIA DO APEGO**

Marciele Lazzari

Caxias do Sul, 2020

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

**O LUTO DE FAMÍLIAS MULTIESPÉCIE NA PERSPECTIVA
DA TEORIA DO APEGO**

Trabalho apresentado como requisito parcial para
Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia,
sob orientação da Prof^a. Dra. Tania Maria Cemin.

Marciele Lazzari

Caxias do Sul, 2020

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por ter me permitido chegar até aqui. Da mesma maneira, minha família, mais especificamente, minha mãe, meu pai e meu irmão, por todo o auxílio nestes quase oito anos de percurso. Sei muito bem o quanto vocês precisaram, muitas vezes, deixar de lado alguns projetos de vida, para investir na realização deste sonho que está prestes a torna-se realidade. Também, conciliar as suas responsabilidades quando precisava levar algum material que havia esquecido em casa, nas caronas oferecidas para pegar o ônibus em dias que me atrasei e de quando chegava mais cedo à noite. Das refeições quentinhas que me aguardavam às 23h e 30min ou das simples bacias de pipoca que me esperavam com todo amor e carinho para podermos conversar a respeito de como havia sido o dia, considerando que a rotina sempre foi muito corrida e isso foi um diferencial.

Ao meu chefe, por toda a compreensão ao longo dos cinco anos em que me dedico na profissão de secretária e muito permissivo quando conversávamos a respeito dos meus horários em cada novo semestre que se iniciava. Lembro que no início deste ano ele me questionou se eu daria conta de tudo o que estava por vir e, neste momento, posso responder que foi muito desafiador, mas eu consegui. As minhas colegas do Centro Médico, que sempre estiveram dispostas a me auxiliar durante a trajetória, entregando requisições e resultados de exames, assim como, receitas e amostras de medicações quando eu precisava sair antes do trabalho por conta de alguma aula ou estágio.

A minha psicóloga, que foi muito acolhedora neste período, me oferecendo todo o suporte necessário, além de materiais para leitura diante do estágio clínico e do TCC, os quais me auxiliaram muito. Por ter me amparado nos momentos de ansiedade e angústia diante das semanas intensas para conciliar trabalho e graduação. Da mesma forma, minhas duas melhores amigas, que me oportunizaram momentos de alegria e descontração, para que eu pudesse seguir com o meu objetivo de uma maneira mais leve, por simplesmente saber que elas existem e que estarão por perto sempre que eu precisar.

Ao Centro de Saúde Irmã Benedita Zorzi, o qual realizo estágio clínico há quase um ano e meio, que me acolheu da melhor maneira possível e que tem me propiciado muito aprendizado. Assim como, aos 13 pacientes que me foi oportunizado para atendimento psicológico, por ter confiado a mim as suas histórias de vida, para que eu

pudesse me utilizar dos conhecimentos da graduação em Psicologia para atuar de maneira ética e empática diante de cada subjetividade. Também, aos colegas da UCS, assim como todos os professores que estiverem presentes nesta trajetória, oportunizando trocas e transmissão de experiências. Aos cursos que me foram permitidos realizar entre 2018 e 2020, os quais despertaram o meu interesse na escolha do tema do trabalho, assim como, para a possível pós-graduação e atuação. Enfim, o meu muito obrigada à todos!

Dedico este estudo para todos aqueles que, assim como eu, já perderam o seu animal de estimação. Que você possa se sentir respeitado e acolhido diante do seu luto.

SUMÁRIO

	Página
RESUMO.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
OBJETIVOS.....	11
Objetivo Geral.....	11
Objetivos Específicos.....	11
REVISÃO DA LITERATURA.....	12
A Formação dos Vínculos Afetivos.....	12
Rompimento de Vínculos Afetivos e os diferentes Processos de Luto.....	19
Luto diante da Morte de um Animal de Estimação.....	25
Conceito de Família Multiespécie e o Luto.....	29
MÉTODO.....	35
Delineamento.....	35
Fontes.....	35
Instrumentos.....	36
Procedimentos.....	37
Referencial de Análise.....	37
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	39
Categoria A – Animal e Relação com o Trabalho.....	45
Categoria B – Vínculo e Culpa.....	47
Categoria C – Luto Antecipatório e Elaboração.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. <i>Categorias de Análise e respectivas Descrições das Cenas</i>	39
---	----

RESUMO

O estudo em questão propõe o olhar da Psicologia para o luto de famílias que perderam seu vínculo significativo com o animal de estimação que, neste caso, é considerado um integrante da própria organização familiar. A partir disso, a proposta é identificar possíveis contribuições da teoria do apego no processo com base em autores conhecidos da Psicologia como Bowlby, Darwin, Parkes, Worden, Bion e Zimermam, além das autoras nacionais Casellato e Fante que contribuem na abordagem do tema. Alguns pontos importantes serão trabalhados com base no objetivo geral do estudo que buscou identificar possíveis contribuições da teoria do apego no processo de luto de famílias multiespécie, diante da perda de um animal de estimação, além dos objetivos específicos que atentaram-se em apresentar os aspectos fundamentais da teoria do apego proposta por Bowlby, descrever acerca do conceito de luto e caracterizar família multiespécie. Também, incluiu-se o desenvolvimento de conceitos como família multiespécie, o processo de luto considerado normal, complicado e o não reconhecido, os estilos de apego conhecidos como seguro, inseguro evitativo, inseguro ansioso/ambivalente e inseguro desorganizado, mundo presumido, base segura e vínculo. Para a complementação, utilizou-se o artefato cultural filme de nome *Togo*, do ano de 2019, que retrata a relação do homem com o animal e que busca, através da compreensão qualitativa de caráter exploratória e interpretativa, entender e desenvolver um tema pouco conhecido, além de realizar aproximações com a teoria encontrada na revisão da literatura. A partir disso, foram selecionadas 16 cenas e distribuídas em 3 categorias que abordam especificamente o animal e a relação com o trabalho, o vínculo e a culpa e, o luto antecipatório e a elaboração, tendo sido destacadas como resultados e discussão ao longo do estudo. Dessa forma, permitindo o entendimento do que se estabelece entre o ator principal e se cão e, também, do processo de luto que origina-se diante da perda do animal. Assim, considerando o processo, conclui-se que os objetivos do estudo foram alcançados de maneira satisfatória, mas que outros poderão surgir a partir de novos materiais para a complementação e entendimento dos fenômenos.

Palavras-chave: família multiespécie, psicologia, apego, luto

INTRODUÇÃO

O estudo em questão objetiva apresentar aspectos relacionados a pessoas que consideram seus animais de estimação como membros da família e que se deparam diante de um processo de luto quando ocorre o rompimento do laço estabelecido. A partir disso, buscou-se por conceitos fundamentais na teoria do apego, desenvolvida por John Bowlby, além de outros autores importantes da Psicologia, como Collin Parkes, William Worden, Wilfred Bion, David Zimemam e, também, de autoras nacionais como Gabriela Casellato e Neusa Fante, que mencionam o termo luto. Essas informações foram utilizadas na compreensão da discussão realizada com base no filme de nome *Togo*. Também, há de se considerar que termos relevantes foram abordados ao longo deste estudo, como a diferença entre apego e vínculo, os estilos de apego, os tipos de vínculos, base segura, mundo presumido, as condições que influenciam um processo de luto, fases deste, as tarefas para a elaboração da perda, luto complicado, luto não reconhecido, além das reações diante da morte do animal de estimação e conceito de família multiespécie, os quais puderam contribuir de maneira significativa nas aproximações da teoria com o artefato cultural escolhido.

A justificativa diante do tema se deu através de recortes sobre luto presentes ao longo da graduação, de uma disciplina específica da Medicina Veterinária, a qual optou-se em realizar como eletiva, de nome Relações Interpessoais e Desenvolvimento Humano, tendo proporcionado maior entendimento da ciência psicológica para a atuação do veterinário, além de cursos realizados ao longo de 2018 e 2020, abordando o luto em diferentes contextos e as possíveis intervenções diante do processo de perda. Um destes, que se tornou fundamental para a realização do estudo, foi de tema Psicologia Hospitalar Veterinária, tendo sido ministrado pela psicóloga Joelma Ruiz, que atua em São Paulo e foi a primeira profissional de psicologia hospitalar a ser contratada no contexto veterinário, auxiliando tutores no processo de eutanásia, assim como, de equipes que também passam pela experiência do luto diante da perda do paciente e sofrimento da família.

Dessa maneira, torna-se relevante abordar que os vínculos de apego estabelecidos entre seres humanos e animais de estimação parecem ser semelhantes ao relacionamento constituído com uma pessoa, pois em ambos está presente a vivência de sentimentos de afeto, segurança e bem-estar (Vieira, 2019). Nesta perspectiva, pode-se considerar que tanto o animal como o ser humano estabelecem entre si uma ligação de segurança (Knebel,

2012 em Gazzana & Schmidt, 2015). Para uma relação saudável é necessário que alguém exerça o papel de cuidador, representando proteção, conforto e suporte (Bowlby, 2002 citado por Gazzana & Schmidt, 2015). Quanto maior o afeto na relação, maior é o vínculo estabelecido entre ambas as partes (Gazzana & Schmidt, 2015).

Considerando isso, as famílias estão assumindo novas configurações em suas composições e que é denominado multiespécie um grupo familiar composto por pessoas que consideram seus animais como membros da família (Faraco, 2008; Knebel, 2012, citados por Gazzana & Schmidt, 2015). Essa nova definição de família inclui proximidade, intimidade e vínculos afetivos, colocando o laço sanguíneo em segundo plano (Macedo, 2008 em Gazzana & Schmidt, 2015). Estudos apontam que as configurações de família multiespécie vêm se fortalecendo e evidenciando que o espaço ocupado pelos animais está cada vez maior nos lares e na rotina familiar. Estes acabam assumindo, muitas vezes, o papel de um amigo, um membro familiar, tanto relacionado a pessoas que residem sozinhas, quanto em famílias com ou sem filhos (Gazzana & Schmidt, 2015). Considerando isso, a família caracteriza-se como uma rede comunicacional de influência mútua, na qual a mudança em um dos membros poderá afetar os demais e as relações estabelecidas entre eles (Schmidt, 2012 em Gazzana & Schmidt, 2015). Sendo assim, pode-se relacionar que o sentimento de perda de um animal de estimação, considerado integrante da família, também pode acarretar sofrimento e alterações na vida dessas pessoas (Barbosa, 2013 citado por Giumelli & Santos, 2016), observando-se que o luto pela morte dos animais de estimação não parece diferenciar daquele vivenciado por membros humanos da família (Gaedtke, 2019).

A partir deste entendimento e elaboração do estudo, este também buscou responder ao problema de pesquisa: Quais as possíveis contribuições da teoria do apego no processo de luto de famílias multiespécie, diante da perda de um animal de estimação?

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Identificar possíveis contribuições da teoria do apego no processo de luto de famílias multiespécie, diante da perda de um animal de estimação.

Objetivos Específicos

- Apresentar aspectos fundamentais da teoria do apego proposta por Bowlby;
- Descrever acerca do conceito de luto;
- Caracterizar família multiespécie.

REVISÃO DA LITERATURA

Com base no que foi descrito nos itens acima, aborda-se por meio da revisão da literatura os principais conceitos do estudo proposto, levantando dados acerca da teoria do apego desenvolvida por John Bowlby e autores que fazem menção da mesma para a contribuição no projeto. Também, buscou-se informações a respeito da organização família multiespécie e os benefícios envolvidos na convivência entre ser humano e animal de estimação, ocorrendo o processo de luto diante do rompimento da relação anteriormente estabelecida. Sendo assim, segue abaixo aspectos teóricos, de acordo com o tema e proposta do estudo.

A Formação dos Vínculos Afetivos

A teoria da ligação ou, mais conhecida como a do apego, difere da psicanálise tradicional, mas lida com os mesmos fenômenos que antes eram designados como *necessidade de dependência*, ou de *relações com o objeto*, ou de *simbiose e individuação*. Também, dispensa conceitos como os de energia psíquica e impulso, estabelecendo ligações com a psicologia cognitiva e baseando-se em disciplinas novas da etologia e teoria do controle (Bowlby, 1997). Esta teoria foi elaborada de acordo com a da evolução das espécies, proposta por Darwin, mostrando a relação entre a vinculação e os aspectos biológicos da espécie. Em observações realizadas com animais, o autor identificou a busca de proximidade de um filhote com outro adulto da mesma espécie como mecanismo de sobrevivência. Dessa maneira e apoiando-se nas ideias de Darwin, Bowlby destaca que “em organismos vivos, estrutura e função só podem desenvolver-se num determinado meio ambiente e que, embora a hereditariedade seja poderosa, a forma exata que cada um adquire dependerá da natureza desse meio ambiente” (Bowlby, 1997, p. 47).

Segundo a teoria de Bowlby, o apego é um vínculo que se estabelece entre o cuidador e o bebê, auxiliando na qualidade da interação entre ambos e possuindo caráter adaptativo, garantindo assim, que este tenha suas necessidades satisfeitas. A teoria etológica esclarece que pais e bebês estão predispostos a apegarem-se, promovendo a sobrevivência física e emocional do bebê (Bowlby, 1998). Da mesma maneira, a teoria do autor ainda aborda o tema como a propensão que os seres humanos têm de estabelecer vínculos com outros, além de descrever sintomas de ansiedade, raiva, depressão e

desligamento emocional quando ocorre a separação e/ou perda da figura de apego (Bowlby, 1997).

Além disso, a teoria ressalta a relevância de se observar o apego que se expressa e se desenvolve na relação mãe-bebê, durante os dois primeiros anos de vida. Os comportamentos de apego incluem sugar, chorar, sorrir, agarrar-se e acompanhar. Cada um destes é modificado pelas ações da figura materna que irão influenciar nos padrões de apego e modelos internos de mundo, percebidos pela criança (Parkes, 2009). O vínculo estabelecido na primeira relação entre cuidador e bebê pode trazer consequências tanto positivas quanto negativas para uma criança, dependendo de como esta foi vivenciada. A forma com que a criança verá o mundo e o meio em que está inserida, influenciará em sua maneira de reagir e agir diante dos acontecimentos da vida (Borsa, 2006 em Meireles & Lima, 2016).

O comportamento de apego é descrito como aquele em que o sujeito é capaz de alcançar e manter próximo de si. O vínculo costuma ser com uma pessoa diferente e preferida, podendo ser considerada como a mais forte e/ou mais sábia dentre os indivíduos. Estes comportamentos costumam ser mais evidentes no decorrer da infância, mas parecem caracterizar o indivíduo durante as outras fases da sua vida. Além disso, nos adultos esse repertório comportamental é percebido nos momentos de doença ou, até mesmo, quando a pessoa está assustada, próximo ao que é identificado nos primeiros dois anos de um bebê. O padrão do comportamento de apego vai depender da idade atual, sexo e circunstâncias, além de experiências que teve com as figuras próximas quando criança, de que maneira foram supridas as suas necessidades e como se estabeleceram essas relações (Bowlby, 1997).

Ainda, a teoria do apego explica a origem e manutenção da proximidade através de características como a especificidade, que seria a maneira de se aproximar e estabelecer uma ligação, dirigida a uma ou mais pessoas, seguindo uma ordem de preferência; a duração, que diz respeito a ligações que não são facilmente abandonadas e costumam persistir por grande parte da vida de uma pessoa; o envolvimento emocional, tratando-se das emoções intensas que costumam surgir durante a formação, manutenção, rompimento e renovação das relações de ligação. Desta maneira, a formação de um vínculo é descrita como “apaixonar-se”, a manutenção, como “amar alguém” e o rompimento, como o “sofrer por alguém”. A manutenção de um vínculo é sentida como uma segurança e a renovação, como fonte de felicidade expressa pelo indivíduo (Bowlby, 1997).

Outra característica seria a ontogenia, sob o conhecimento que um bebê desenvolve o comportamento de ligação através de uma constante interação com outra pessoa que costuma estar vinculada aos cuidados maternos. Essa ligação está mais presente durante os primeiros nove meses de vida de um bebê, mantendo ativado até o final do terceiro ano e perdendo a intensidade dali em diante; a aprendizagem, relacionada com o fato de aprender a diferenciar o estranho do familiar, podendo uma pessoa desenvolver uma ligação por outra apesar de repetidas punições; a organização, que inicialmente o comportamento de ligação está relacionado com respostas organizadas. Após o final do primeiro ano de idade, passa a ser identificado por um repertório de comportamentos representando o meio ambiente e o *self*. Entre as condições que ativam esse sistema, têm-se o estranhamento, a fome, o cansaço ou algo assustador. Dentre o que desativa estas condições, têm-se enxergar a figura de ligação, além da interação feliz que teve com esta. O término desta interação pode ocasionar em contato físico (agarrar-se) à pessoa ou desejar ansiosamente ser tocado por ela. Além disso, quando a figura de relação está presente, a criança pode deixar de apresentar este comportamento de ligação e explorar o ambiente e; por fim, a função biológica, tratando-se do comportamento de ligação que está relacionado ao valor da proteção e sobrevivência (Bowlby, 1997).

Dessa maneira, a teoria do apego evidencia que a principal função do cuidado parental é fornecer uma base segura para que a criança em desenvolvimento aprenda a confiar em si e nos outros (Parkes, 2009). Uma base segura é identificada quando o sujeito tem junto dele pessoas que o ajudarão caso esteja passando por dificuldades (Bowlby, 1969 citado por Bowlby, 1997). Uma pessoa que na infância lhe foi fornecida uma base segura e os pais a estimularam a explorar a partir desta base, é identificada como alguém que percebe como capaz de ajudar-se e que em momentos de dificuldade entende que também é merecedora e vai em busca de ajuda (Parkes, 2009).

De acordo com o funcionamento da personalidade, há dois principais conjuntos de influências quando se trata do conceito de base segura. O primeiro diz respeito à presença ou ausência de uma figura capaz de confiança, que esteja disposta a fornecer esta base necessária diante de cada fase do ciclo vital, constituindo-se como influências externas ou ambientais. O segundo trata-se da capacidade ou incapacidade de o sujeito reconhecer uma pessoa como confiável e, portanto, fornecer uma base segura, além de ser preciso um reconhecimento diante da relação, constituindo-se como as influências internas ou organísmicas. Problemas em identificar e estabelecer bases seguras podem assumir diferentes formas e graus: apego ansioso, exigências excessivas ou muito intensas para a

idade e para a situação, envolvimento indiferente e independência desafiadora (Bowlby, 1997).

Considerando isso, foi através de uma técnica de laboratório desenvolvida por Mary Ainsworth, aluna de Bowlby, denominada “situação estranha”, que padrões de apego entre bebês e adultos foram melhor identificados. A técnica incluiu mães e bebês com cerca de um ano de idade em um ambiente não familiar, estando na primeira situação a mãe junto na sala, após sem ela e na companhia de um estranho e, por fim, novamente junto da figura materna. O objetivo foi analisar a resposta emitida pelos bebês a partir da relação existente com as cuidadoras (Papalia, 2006 em Meireles & Lima, 2016).

Desta maneira e a partir dos resultados obtidos, verificaram-se quatro padrões de apego e suas especificidades, que puderam ser mais bem explicadas com a observação da técnica utilizada. O apego seguro, reagindo os bebês com choro, protestando a ausência da figura materna e alegrando-se quando esta regressa, continuando a explorar o meio; o apego inseguro evitativo, em que dificilmente os bebês choram quando a mãe os deixam na sala e saem, a evitando quando retorna e demonstrando não gostar de contato físico originado dela e; o apego inseguro do tipo ansioso/ambivalente, no qual os bebês demonstram ansiedade já na presença da mãe, permanecendo inquietos na falta dela e apresentando comportamentos ambíguos em seu regresso, buscando por contato da figura materna ao mesmo tempo em que ficam agitados e até mesmo agressivos (Papalia, 2006 citado por Meireles & Lima, 2016). Há ainda, um quarto padrão de apego que foi identificado após esse estudo, denominado como inseguro desorganizado, no qual os bebês evitaram a presença da mãe e procuram aproximar-se do estranho, verificando-se que estes não possuem recursos para lidar com o estresse da “situação estranha” (Main & Solomon, 1999 em Meireles & Lima, 2016).

O apego seguro, a partir da teoria, é entendido quando a criança parece confiar nos pais, que estes estarão disponíveis quando solicitados, pois o modelo interno que ela construiu a partir das vivências em conjunto foram experiências favoráveis. Esta criança percebe a mãe como suficientemente boa em suas respostas, estabelecendo-se um vínculo com sentimentos positivos de autoestima e capacidade de confiar no outro, além de sentir-se segura para explorar o mundo (Bowlby, 1990 citado por Nascimento, Coelho, Jesus & Martins, 2006).

No apego inseguro do tipo evitativo, a criança parece não ter confiança de que terá ajuda ou alguma resposta quando solicitar, já esperando ser rejeitada. Os pais não oferecem

acolhimento, demonstrando à criança sentimentos de desvalia, inadequação ou mesmo, aprendendo a reprimir estes e negando a necessidade de apegar-se, tornando-se autossuficiente. Essa falsa independência não protege a criança da ansiedade e ocasiona o distanciamento afetivo (Bowlby, 1990 citado por Nascimento et al., 2006).

No denominado apego inseguro ansioso/ambivalente, a criança parece não ter certeza quanto à disponibilidade das figuras materna e paterna em relação as suas necessidades, apresentando dificuldades para lidar com esse sentimento. O comportamento da mãe costuma apresentar-se de forma instável, algumas vezes mostrando-se disponível e outras não. A partir disso, a criança pode manifestar sentimentos negativos de autoestima e uma tendência à ansiedade em separar-se, além de apresentar insegurança frente ao conhecimento do novo (Bowlby, 1990 em Nascimento et al., 2006).

Por fim, têm-se o quarto padrão de apego conhecido como inseguro desorganizado, relacionado ao comportamento de bebês, filhos de mães que relatam ter sofrido alguma perda significativa antes ou depois do nascimento do mesmo. Estas crianças costumam movimentar-se balançando seus corpos de forma desconexa e sem função aparente. Este comportamento remete a bebês que não desenvolveram um padrão para lidar com a figura materna. Já as mães, parecem insensíveis em alguns momentos e, em outros, atentas de maneira excessiva ao filho, ficando os bebês desamparados e não encontrando uma maneira de obter respostas adequadas da mãe (Bowlby, 1990 em Nascimento et al., 2006). Com base nisso, a teoria de Bowlby descreve que o apego ansioso/ambivalente leva à falta de confiança em si mesmo e no outro; o tipo evitador, à falta de confiança em si, mas não no outro; já o desorganizado, à falta de confiança tanto em si quanto no outro (Parkes, 2009).

Importante destacar que, embora os termos apego e vínculo sejam entendidos como estados internos e observados através dos comportamentos de apego, eles diferem entre si. Na relação entre pais e filhos, o sentimento do bebê em relação às figuras materna e paterna é o de apego, na medida em que compreende que os pais tornam-se sua base segura e, portanto, o permite explorar o mundo ao seu redor. No caso dos pais, estes não experimentam um aumento no senso de segurança e nem características de uma base segura na presença do filho, portanto o sentimento destes em relação ao filho é o de vínculo (Bee, 1996 em Basso & Marin, 2010). Compreende-se, então, que o apego manifestado pelo bebê aos cuidadores primários é entendido como vínculo ao longo do desenvolvimento deste. Como exemplo, têm-se a adolescência como um período de menor

dependência e estimulação da autonomia, percebendo o apego como um vínculo relacionado ao controle e não propriamente como uma base de apoio e segurança (Allen & Land, 1999 citados por Basso & Marin, 2010).

Dessa maneira, torna-se importante destacar que o termo vínculo também foi aprofundado na teoria de Bion, tendo descrito como estes se formando e funcionando durante toda a vida de uma pessoa, que serão fundamentais para o desenvolvimento da personalidade, além de serem determinantes em termos de qualidade dos restantes estabelecidos (Zimmerman, 2010). A mesma teoria caracteriza estes como “vínculos são elos de ligação – emocional e relacional – que unem duas ou mais pessoas, ou duas ou mais partes dentro de uma mesma pessoa” (Zimmerman, 2010, p. 23/24). Segundo o autor, estes podem ser de natureza intersubjetiva (duas ou mais pessoas), intrassubjetiva (diferentes partes dentro de uma só) ou transubjetiva (quando o vínculo atravessa fronteiras e adquire uma dimensão mais ampla) (Zimmerman, 2010).

O primeiro vínculo a se formar diz respeito à ligação estabelecida por mãe e bebê, ainda durante a gestação e que permanece após o nascimento em relação à amamentação e aos cuidados envoltos da sobrevivência e proteção deste ser humano. Também, caso não haja a figura materna, o bebê tende a estabelecer essa relação com a pessoa responsável por lhe dar carinho, atenção e cuidados necessários. Além da satisfação das necessidades orgânicas de um bebê, têm-se as afetivas que são as que envolvem o amor, o carinho, a proteção e a compreensão por parte da mãe ou cuidador que também dizem respeito ao conceito de vínculo. Neste sentido, torna-se importante considerar que somente se estabelece um vínculo sadio entre ambos quando o cuidador é capaz de ser continente em relação às angústias do outro, além de apresentar uma capacidade de empatia, de colocar-se no lugar deste outro, buscando compreender o que está sendo expresso. Com o passar do tempo, os vínculos vão expandindo-se e modificando-se, na medida em que a criança entra na primeira escola, forma novas amizades, participa de outros projetos e atividades extracurriculares, inicia um namoro, ingressa na faculdade, realiza grupo de estudos, constrói a sua própria família e etc. Considerando isso, a teoria de Bion destaca três importantes tipos de vínculos: do amor, do ódio e do conhecimento, sendo que Zimmerman propõe um quarto, o do reconhecimento, que interagem entre si e determinam a personalidade e comportamento de uma pessoa (Zimmerman, 2010).

O vínculo do amor diz respeito à afeição, paixão, compaixão, misericórdia, solidariedade, sexo, etc, podendo aparecer, também, seguido de uma característica como,

por exemplo, amor platônico, amor à vida, amor à profissão, dentre outros. Este vínculo está relacionado também à capacidade resiliente de um indivíduo para lidar com situações consideradas bastante difíceis e quando as pessoas se veem diante disso, são impulsionadas por forças internas pelo apego à vida, saindo com uma maior facilidade, sem tantos prejuízos físicos e psíquicos (Zimerman, 2010).

O vínculo do ódio se origina no início da vida na ligação estabelecida entre mãe e bebê. Caso ela não tenha acontecido de maneira satisfatória, poderão ocorrer falhas e a formação de vazios no psiquismo precoce, ocasionando o primitivo sentimento de ódio. Pode também, resultar de situações traumáticas que a levaram sentir-se rejeitada, não amada, desamparada e até a agir de maneira impulsiva, com conduta provocativa e agressiva (Zimerman, 2010).

Além destes dois vínculos, o do amor que é inspirado na teoria da libido proposta por Freud e o do ódio, fundamentado em Melanie Klein, na teoria de Bion descreve-se o do conhecimento, que envolve as verdades e as mentiras que exercem influência em toda e qualquer relação. O conhecimento é entendido como uma função do psiquismo que faz ligação entre o pensamento e a realidade. Além disso, o autor define que ele resulta da relação estabelecida entre o sujeito que conhece e o objeto que quer ser conhecido (Zimerman, 2010).

Por fim, a teoria de Zimerman apresenta a quarta modalidade de vínculo que está presente também desde o início da vida do sujeito (relação mãe-bebê) e que se relaciona com os demais mencionados. O reconhecimento pode ser entendido a partir de quatro vértices, a de si próprio (sujeito compreendendo o seu psiquismo); do outro (como alguém diferente dele); ao outro (expressando o agradecimento) e; pelos outros (como uma maneira de manter a autoestima). A partir dessa questão, quando há o olhar reconhecedor por parte da mãe ao seu bebê, este é capaz de sentir-se amado e desejado. Já a perda do olhar materno significa o contrário e há junto disso a ansiedade de separação, o sentimento de perda de amor e afeto (Zimerman, 2010).

Além disso, vínculos costumam formar-se de forma diferente entre as espécies, sendo os mais comuns aqueles estabelecidos entre pais e filhos, e entre adultos do sexo oposto. A vinculação afetiva envolve o comportamento social através do reconhecimento de indivíduos. Quando há um par vinculado, um destes indivíduos tende a manter próximo o outro além de indicar a importância da realização de uma manutenção desta proximidade (Bowlby, 1997).

Rompimento de Vínculos Afetivos e os diferentes Processos de Luto

Desde o nascimento até a morte, o indivíduo passa por ciclos e durante estes, depara-se com várias perdas, são elas, materiais, físicas, emocionais, dentre outras (Fante, 2019). O luto é entendido pela perda de algo ou alguém significativo para um indivíduo. Apresenta-se como um conjunto de reações frente a uma perda/rompimento de uma relação, constituindo-se de um processo singular intersubjetivo (Parkes, 1998). Neste período lento e doloroso, é evidenciado algumas características comuns como tristeza profunda, o afastamento de atividades que não direcionem o sujeito enlutado a pensamentos relacionados com o que foi perdido, a baixa vontade de obter conhecimento sobre o que está ocorrendo ao seu redor e a incapacidade de substituir ou escolher algo novo para se vincular (Freud, 1917 em Rodrigues, 2015).

A partir disso, a teoria do apego aborda sobre a concepção de que crianças que tiveram uma base segura e, portanto, desenvolveram um apego seguro em relação às figuras significativas da sua infância, poderão elaborar de uma maneira mais saudável as perdas que ocorrerão ao longo da sua vida (Rodrigues, 2015). Dessa forma, entende-se que o processo de luto pode sofrer influências das experiências iniciais, assim como, dependendo de como as perdas ocorreram, de maneira sucessiva ou não, estas poderão interferir na forma de elaboração do sujeito (Bowlby, 1985 citado por Rodrigues, 2015).

Com base nisso, destaca-se que, para compreender o impacto de uma perda e o comportamento da pessoa é importante entender o significado do apego. As perdas sofridas pelo ser humano carregam o sentido dos padrões de apego construídos na infância (Worden, 1998). Dessa maneira e para garantir o apoio essencial diante de uma relação com base segura, é preciso que os indivíduos se envolvam por um período de tempo, medido em anos. As emoções humanas surgem durante a formação, manutenção, interrupção e renovação do laço entre as pessoas que estão fornecendo base segura uma com a outra. Caso não houver a manutenção da relação pode ocasionar nos indivíduos uma ameaça de perda, gerando ansiedade e raiva. Assim como, diante de uma perda real, provoca muitos sentimentos, como por exemplo, o pesar (Bowlby, 1997).

Na teoria de Bowlby, o autor aponta cinco condições que influenciam esse processo: identidade e papel da pessoa perdida, relacionado ao fato do quão próximo e/ou dependente o enlutado era daquela que faleceu. Quanto maior essa dependência, maior é o

dano que a perda causa, além de originar um maior esforço por parte do enlutado para reorganizar-se; idade e sexo da pessoa enlutada que, segundo a maioria dos psicanalistas o processo torna-se mais difícil quando estas são sofridas na adolescência, tendo outros poucos dados existentes destacando as ocasionadas na vida adulta, como na perda de um companheiro. Quanto ao fator sexo, parece que as mulheres reagem mais ao processo de perda através do luto complicado, mas não se tem essa certeza clara, de que o sexo feminino seja mais vulnerável, devendo considerar-se o restante existente; causas e circunstâncias da perda, podendo variar significativamente, como é o caso de perdas súbitas e/ ou até previsíveis, estando a primeira relacionada a um maior choque inicial. Com base nisso, foi identificado que outras questões ligadas à morte podem tornar o processo de luto mais ou menos difícil, são elas: se o tipo de morte exige um longo período de assistência por parte do enlutado; se o tipo de morte ocasionou a deformação ou mutilação do corpo; como a informação sobre a morte aconteceu; qual foi a relação entre as duas partes em semanas antes do ocorrido e; a quem, se for o caso, a responsabilidade pode ser atribuída diante da morte (Bowlby, 1998).

Outra condição identificada no processo são as circunstâncias sociais e psicológicas que afetam a pessoa enlutada, na época da perda e depois desta, podendo algumas serem mais fáceis e outras mais difíceis para modificar. As variáveis identificadas e que podem influenciar o percurso do luto são: o local onde o enlutado reside, se este vive sozinho ou com outros familiares, se é responsável pelo cuidado de crianças e/ou adolescentes; quais as condições socioeconômicas em que o enlutado se encontra, se estas tornam a vida mais ou menos fácil; se há possibilidades de organizar um novo modo de vida social e econômico e, crenças e ações que facilitam o percurso de luto entendido como normal, além de familiares e amigos que auxiliam ou não no processo e; por fim, a capacidade do enlutado, com referência em estabelecer relações amorosas e de reagir a situações estressantes, sugerindo o autor que esta é a condição que mais parece exercer influência na maneira com que o sujeito vivencia o processo. A forma como organiza o seu comportamento de vinculação e os modos de reação frente a situações consideradas difíceis causará impacto na intensidade e duração do processo, além de o mesmo assumir um luto normal ou complicado (Bowlby, 1998).

Buscando compreender melhor o processo de luto vivenciado por uma pessoa, a teoria de Bowlby ainda apresenta fases importantes para que o indivíduo reconheça a perda da vinculação e a recuperação seja concluída. O mesmo autor cita que não existe uma ordem para as fases do luto, mas sim, a possibilidade de variar conforme o sujeito.

Considerando um estudo realizado por Parkes, a teoria de Bowlby descreve as fases do luto da seguinte maneira: fase de entorpecimento, sendo o momento que em que se obtém a notícia sobre a perda do objeto, podendo durar horas ou semanas. Um estado de choque é apresentado e o sujeito demonstra dificuldade em aceitar a notícia. Outras pessoas podem conseguir seguir a sua rotina, mas em algum período este estado de “normalidade” poderá se desfazer por conta de sentimentos e emoções intensas (Bowlby, 1985 citado por Rodrigues, 2015).

A fase seguinte é a de anseio e busca da figura perdida, durando meses e até anos. Neste período, o indivíduo começa a pensar na perda do objeto como algo real e junto do choque descrito na fase anterior, é comum ficar em aflição e bastante emotivo. As lembranças são muito presentes, ocorrendo o sentimento de esperança de que a perda não tenha ocorrido e também, existindo a dificuldade de aceitação, além da sensação de retorno do objeto. Quando este busca o que perdeu e não obtém o retorno esperado, o enlutado demonstra raiva que poderá ser direcionada a outras pessoas do seu convívio. O que se observa é que esta raiva apresentada é mais intensa nas primeiras semanas e meses, mas com o tempo isso diminui, considerando-se este comportamento sadio dentro do processo. Além disso, verifica-se que o enlutado vai aceitando aos poucos essa ausência, gerando algumas sensações como angústia, depressão e apatia (Bowlby, 1985 citado por Rodrigues, 2015).

As duas fases seguintes são descritas pelo autor de forma conjunta, são a de desorganização e desespero e, a de maior ou menor grau de reorganização. Nestes dois momentos, o enlutado começa a acreditar na perda permanente do objeto e volta os seus pensamentos na reconstrução da sua vida, compreendendo de forma gradual que seus comportamentos e maneira de pensar não poderão mais ser como antes. Desta forma, começa a redefinir posições e papéis num processo bastante dolorido, mas necessário frente ao acontecido e elaboração da sua perda (Bowlby, 1985 em Rodrigues, 2015). Quando esta pessoa consegue reestabelecer antigas e construir novas relações, direcionando sua energia para isso, é que se entende que o processo de luto foi elaborado (Freud, 1917 em Rodrigues, 2015). A adaptação frente ao processo mostra-se como o resultado de uma interação entre duas forças de vinculação opostas: a necessidade de manter a proximidade com a pessoa perdida e a necessidade de desvincular-se para investir em outros objetos/pessoas (Ramos, 2016).

Considerando isso e após o acontecimento da perda, há certas tarefas do luto que também devem ser realizadas para que o sujeito consiga se reestabelecer e completar o processo. Importante considerar que estas tarefas também não seguem uma ordem específica, dependendo do que já foi mencionado acima e do próprio sujeito em relação a experiências anteriores. Como possível tarefa, têm-se aceitar a realidade da perda, que seria compreender que a pessoa/objeto não irá mais voltar, estando o comportamento de busca relacionado com a finalização da mesma; outra tarefa seria elaborar a dor da perda, que está relacionada à questão de trabalhar o sofrimento causado, o sentido deste e como o sujeito está lidando com o impacto da perda; o ajustar-se a um ambiente onde está faltando a pessoa também é identificado como tarefa em que, dependendo do vínculo estabelecido e do papel exercido, irá significar de uma maneira. Nesta tarefa, é importante que a pessoa consiga se reajustar em três áreas distintas: ajustamento externo (funcionamento diário do mundo), ajustamento interno (sentido do *self*) e ajustamento de crenças (valores sobre o mundo) e; por fim, reposicionar em termos emocionais a pessoa que faleceu e continuar a vida, proporcionado a elaboração do luto, sendo um momento em que não se tem mais a necessidade de reativar a representação do que foi perdido na mesma intensidade e frequência (Worden, 1998). Ainda, se estas fases e tarefas não forem trabalhadas e concluídas em determinado período de tempo o indivíduo poderá desenvolver um luto complicado (Ramos, 2016).

A definição de luto complicado está mais associada à intensidade e duração do que à presença ou ausência de um determinado comportamento apresentado pelo indivíduo enlutado (Horowitz, 1980 em Ramos, 2016). Ele também pode ser definido como a “intensificação do luto a um nível em que a pessoa se encontra destroçada, originando um comportamento não adaptativo face à perda, permanecendo interminavelmente numa única fase, impedindo a sua progressão com vista à finalização do processo de luto” (Horowitz, 1980, citado por Ramos, 2016, p. 7). Além disso, é identificado três principais tipos de luto complicado, são eles: crônico, que seria o prolongamento indefinido do luto; o adiado, que se caracteriza pela ausência de reações consideradas esperadas no processo de perda. Neste, o indivíduo não se permite sofrer e expressar a sua dor, ocasionando o desenvolvimento de doenças de ordem psíquico-emocionais. O adiamento deste processo pode estar relacionado às influências familiares e culturais, afetando o percurso natural dessa vivência por parte do enlutado e; o inibido, quando os indivíduos não demonstram sinais exteriores como raiva e tristeza, que também é esperado no processo. Em determinados casos, a pessoa pode passar a agir como se nada tivesse acontecido,

retomando a sua rotina de antes. Entende-se que estas que inibem o seu sofrimento diante de uma perda podem ainda apresentar queixas psicossomáticas (Parkes, 1998).

Também, algumas condições podem levar o sujeito a desenvolver um luto complicado, são elas, as perdas inesperadas, quando estas são socialmente negadas e quando há ausência de uma rede de apoio suportiva (Lazare, 1979 em Ramos, 2016). Perdas inesperadas podem abalar o mundo presumido, ou seja, o mundo o qual é conhecido pelo sujeito e danificar os vínculos mais seguros. A dor do luto faz com que o sujeito se volte às suas fragilidades, examinando-as e repensando como elas agem sobre ele e sua capacidade de enfrentamento (Parkes, 2009). Além disso, esse termo refere a aquele aspecto de mundo interno tido como verdadeiro. As concepções de mundo presumido são transformadas e modificadas de acordo com as experiências, tanto as individuais como as compartilhadas. Ele faz parte do equipamento mental e sem, o sujeito tende a sentir-se perdido, além de ser algo particular, em que cada pessoa possui a sua definição de mundo presumido (Parkes, 1971 em Parkes, 2009).

Dessa forma, todos os acontecimentos que provocam mudanças sobre a vida desafiam o mundo presumido, provocando comportamentos de tensão, ansiedade, indecisão até que de fato as mudanças impostas aconteçam. Sendo assim, ele é caracterizado como uma fonte de segurança para o ser humano e qualquer coisa que chega para ameaçá-lo, amedronta o sujeito e causa angústia. Quando se perde alguém, a visão daquilo que se conhece é abalada, fazendo que o sujeito se enlute e também, reveja seus conceitos. Considerando isso, o autor aborda que a teoria do apego e a teoria da transição psicossocial andam juntas, no sentido de que a primeira explica sobre a necessidade de uma pessoa enlutar-se, procurando o que foi perdido e a segunda, a necessidade de repensar e replanejar a vida diante da mudança equivalente à perda sofrida (Parkes, 2009).

Retomando o que foi exposto acima, de quando uma perda é socialmente negada e, por isso, o luto não encontra um lugar ou uma maneira de ser expresso, este é entendido como não reconhecido pela sociedade e até mesmo pelo sujeito, podendo ser nomeado também como luto não autorizado. Dessa maneira, o indivíduo que não consegue esse espaço de acolhimento da dor, pode reprimi-la e desenvolver doenças, evidenciando-se o não dito (Oliveira, 2013; Bromberg, 1996 em Casellato, 2015).

O luto não reconhecido é a dor que ninguém vê, a alma que dói no corpo, a fala que não tem escuta; é o choro sussurrado na noite, o grito no escuro, a palavra muda, que é abafada, não tem expressão, conexão; a dor que precisa encontrar formas de se materializar, de ser vista, notada no meio da imensidão de palavras e gestos em

que se encontra. Tudo foi tirado, roubado, incinerado e, de uma hora para outra, o mundo como existia não existe mais. (Fante, 2019, pp. 14)

Além disso, o luto não autorizado pode ocorrer por cinco razões: o relacionamento não é reconhecido, podendo envolver a relação entre amantes, amigos, homossexuais, vizinhos, colegas ou filhos adotivos, além da perda dos pais biológicos, dos pais adotivos, dos filhos biológicos/infertilidade, de animais de estimação e ainda, em situações de saída dos filhos de casa, coabitação, divórcios; a perda não é socialmente considerada significativa, como em abortos espontâneos ou provocados, de perdas perinatais ou neonatais, de abandonos, rompimento de vínculos amorosos, de perdas simbólicas de função, status, morte social, filhos deficientes, pais da infância, ou até da criação de um filho adotivo que não reconhece os pais adotivos (Doka, 1989; 2002 em Fante, 2019).

Também, pode ocorrer em enfermidades ou incapacitações físicas, além da perda psicológica; o enlutado não é capaz de se enlutar, o indivíduo é afastado ou poupado das situações de perda, como é o caso de crianças, idosos, doentes mentais, profissionais da saúde, cuidadores, entre outros; a morte ocorre em situações rechaçadas pela sociedade, quando foge das regras sociais, como o suicídio, homicídio, HIV e; o modo de enlutar-se e a expressão do pesar não são validados socialmente, quando o indivíduo não expressa o seu pesar do modo que é esperado pela sociedade diante do ocorrido. Ainda, na expressão religiosa em que o enlutado não recebe escuta, tanto em contextos sociais como nos religiosos (Doka, 1989; 2002 em Fante, 2019).

Muitas vezes, o não reconhecimento da perda inicia com o próprio enlutado, que censura de forma consciente ou inconsciente, agindo sobre o seu comportamento e inibindo a sua expressão de pesar. O próprio *self* é o agente e a vítima, impondo a si mesmo mensagens de maneira que se conforme, que aquele não é um luto, que não é uma experiência real, denominando a situação como “auto não reconhecimento do luto”. Da mesma maneira, sugere-se que a estrutura interna que regula a autocensura da expressão do luto é o superego, que é considerado o agente interno das sanções e da vergonha, além de ser o mediador relacionado às ordens sociais. Também, destaca o poder reverso do *self* a reconhecer e autorizar o enlutamento com base na permissão externa e social. A partir disso, quando se toma uma decisão diante do que pode ser expresso ou não perante uma perda, entende-se o *self* à frente de um processo maturacional. Sendo assim, o “auto reconhecimento do luto” é o combate ao desamparo imposto pela expressão de pesar não reconhecido (Kauffman, 2002 em Casellato, 2015).

O que também se deve levar em conta são as normas e valores da cultura que definem o comportamento e atitudes do sujeito. O luto, quando não é reconhecido, tende a levar o indivíduo a isolar-se, pois não tem um espaço que lhe possibilite se ouvir e ser ouvido, para que possa falar sobre as ambivalências de sua perda e, assim, validá-la para si e elaborar o seu luto. Quando o enlutado não tem esse espaço e busca isolar-se dos outros e do mundo, este comportamento apresenta vários riscos para a saúde mental (Bromberg, 1996 citada em Casellato, 2015).

Entre todos os tipos de lutos não autorizados/reconhecidos, seja pelo fato de o relacionamento não ser valorizado, seja pela perda não reconhecida, seja pelo enlutado ou pela morte não serem aceitos, observa-se que, numa primeira instância, o que fracassa é a empatia, ou seja, a capacidade de compreender o significado e validar a experiência de outra pessoa. (Casellato, 2015, pp. 15)

Ainda, são mencionadas quatro dimensões do fracasso da empatia diante de um luto não reconhecido, sendo eles: do *self* com o *self*, de nível individual, ou seja, quando há a falta de empatia da própria pessoa que experiencia o pesar. Pode ser de maneira consciente ou inconsciente. Há também a dificuldade de simbolizar, distinguir e validar suas próprias reações frente à perda; do *self* com a família, quando um grupo diverge entre a sua maneira de expressar a perda que é diferente da do outro, podendo ser condenadas as reações opostas das suas e não aceitando as da outra pessoa. Os estilos de enfrentamento variam conforme a idade, gênero, personalidade e o papel exercido por aquele membro no seio familiar; do *self* com a comunidade estendida, tendo na diversidade a garantia de que o luto não seja reconhecido da mesma forma em todos os contextos; do *self* com a dimensão espiritual, a qual buscando significado do que foi vivido, o sujeito pode se revoltar contra as crenças antes seguidas e essa falta de reconhecimento por parte do enlutado tende a gerar uma crise entre este e a comunidade religiosa que não aceita a revolta da fé (Neimeyer & Jordan, 2002 citados por Casellato, 2015).

Luto diante da Morte de um Animal de Estimação

O significado de estimação consiste em “diz-se de um bem (animal ou coisa) a que se vota especial predileção ou estima” (Dicionário Aurélio, 1997, p. 722 em Gazzana & Schmidt, 2015). Já a palavra estima, diz respeito a sentimentos de afeição, afeto, apreço, consideração, importância e respeito. No Brasil, os cachorros e os gatos são os mais

escolhidos como animais de estimação, além de outros animais que também podem ser assim definidos (Almeida, 2009 em Gazzana & Schmidt, 2015).

Dessa maneira e relacionando com o que foi desenvolvido até o momento, o luto na teoria de Parkes é entendido como o preço que se paga pelo amor. O que se percebe é que com a morte do animal de estimação esse amor também é perdido, além do convívio diário, do afeto e cuidados disponibilizados. Diante de um vínculo que é rompido, o processo de luto torna-se natural e saudável. Se na interação entre o humano e o animal de estimação existia tal vínculo, quando ocorre o rompimento desta relação, o luto se inicia (Oliveira, 2013; Bromberg, 1996 citadas por Casellato, 2015).

Complementando este entendimento, na teoria do apego desenvolvida por Bowlby, o autor destaca o fenômeno *imprinting*, que é designado na relação que se estabelece entre aves e mamíferos jovens a uma ou mais figuras discriminadas (Bowlby, 2002 em Casellato, 2015). Dessa maneira, observou-se que quando a pessoa teve e conviveu com um animal de estimação desde a sua infância é difícil que durante a vida adulta não tenha esse contato. O convívio com um animal faz parte do que é conhecido pelo sujeito (mundo presumido). Estudos confirmam que as reações diante da perda de um humano ou de um animal de estimação são semelhantes. Ao se perder um ente querido humano ou não humano, perdas secundárias são identificadas, além de considerar que o estilo de vida de um tutor se altera com a perda, ou seja, a concepção de mundo presumido não é mais a mesma (Oliveira, 2013; Bromberg, 1996 em Casellato, 2015).

Algumas reações são identificadas diante de um processo de luto envolvendo a perda do animal de estimação, sendo estas: o entorpecimento, percebendo-se que este advém da falta de uma despedida por ter ficado em choque com a morte, sentindo-se abalado, desesperado, atordoado, além de não ter tido coragem de ver o animal sem vida, como uma maneira de fugir da situação por conta da dor, por não saber o que fazer; a ansiedade de separação, quando a pessoa costuma negar o que ouve ou vê, alimentando esperanças que muitas vezes não existem. Acontece, pois se torna difícil lidar com a perda de um vínculo significativo. Quando envolve os animais, também é percebido diante de uma tomada de decisão frente à eutanásia. Neste contexto, encontra-se um animal que está com dor, um tutor e sua família angustiados, e mais o profissional veterinário que precisa lidar com os enlutados, o processo de execução do animal e com seus próprios sentimentos de perda do paciente (Bromberg, 2000 citada por Casellato, 2015).

Outra reação seria a culpa, também envolvendo sentimentos que costumam aparecer diante de uma decisão de eutanásia. Sabe-se que a eutanásia é um processo permitido no Brasil quando envolve animais, mas o termo que é utilizado nestes momentos é o “sacrificar” o animal, compreendendo assim, um significado de sofrimento. A palavra “eutanásia” é de origem grega e significa “morte fácil”, “boa morte”. A prática é permitida e autorizada por tutores mediante um diagnóstico sem possibilidades de cura e qualidade de vida do animal. Por isso, torna-se importante dar tempo necessário para o tutor e sua família decidirem o que querem naquele momento para que sentimentos de culpa e arrependimentos não ocorram (Ross & Baron-Sorensen, 2007 em Casellato, 2015). Além disso, entende-se que a culpa é um dificultador no processo de elaboração da perda e que o cliente/família precisam do apoio do profissional (Hart, 2000 & Fuchs, 1987 em Casellato, 2015).

A raiva/protesto também é compreendida como uma reação diante da perda do animal de estimação. O sujeito enlutado pode ficar irritado e revoltado com familiares, amigos ou até com o médico veterinário que cuidou do seu animal. Tende a sentir-se inconformado e abandonado. Comentários e atitudes de consolar o enlutado podem aparecer e ser extremamente ofensivos. Estes costumam surgir na tentativa de amenizar a dor de uma pessoa querida e por não saberem exatamente como fazer isso, muitas pessoas se utilizam de expressões que podem piorar ainda mais a situação e; por fim, têm-se a depressão, que algumas pessoas tendem a ficar deprimidas por um maior período de tempo após a perda, pois cada um vai manifestar de uma maneira diferente o seu pesar e realizar a sua elaboração de um jeito. O que se deve levar em consideração é que muitas vezes o processo de luto é entendido como depressão e nem sempre isso ocorre diante de uma perda (Bowlby, 2004 em Casellato, 2015). Neste sentido, rituais de despedida que trazem suporte social costumam auxiliar no processo de luto, mas a ausência deste na morte de um animal de estimação e uma possível falta de reconhecimento diante da perda podem ocasionar no desenvolvimento de um luto complicado (Ross & Baron-Sorensen, 2007 em Casellato, 2015).

Além disso, nas situações envolvendo os animais de companhia, pode ocorrer o chamado luto antecipatório, que é descrito como aquele que vem com a notícia de uma doença sem prognóstico de cura, abrangendo outras perdas que advém das enfermidades, modificando papéis e funções familiares, ou seja, a morte social ocorre antes da biológica (Helman, 2003 em Casellato, 2015). É considerado um processo que envolve os três tempos: passado, presente e futuro, além das perdas secundárias. Dessa maneira, quando o

tutor recebe um diagnóstico sem uma probabilidade de cura ou boa qualidade de vida do animal, ele pode deparar-se com um luto antecipatório. Além disso, lembranças de como era o animal antes da doença e com o posterior tratamento, a possível morte do animal é identificada pelo tutor/família. Também, podem ser percebidos sentimentos de impotência perante a perda da saúde ou a enfermidade causada pela doença observada no animal (Oliveira, 2013; Bromberg, 1996 em Casellato, 2015).

Dessa forma, para lidar com a dor e o sofrimento de uma perda as pessoas buscam estratégias de enfrentamento e adaptação. Stroebe e Schut (1999; 2001) citados por Casellato (2015), abordam o modelo de processo dual de luto. Existe uma oscilação no processo que permite a reorganização do indivíduo diante de uma perda (Parkes, 1998). Os mesmos autores mencionam que essa oscilação voltada para a perda é identificada quando o tutor relata sentimentos como saudade, dor, impacto da ausência e consciência da perda. Têm-se também, as atitudes e pensamentos voltados para a restauração que dizem respeito quando o ser humano busca conforto na religião, se motiva por conta dos cuidados que os outros animais sobreviventes necessitam e também, de novas relações com animais recém-adquiridos. A orientação para a perda também ocorre nas vezes em que tutor lembra do animal que faleceu ocorrendo a oscilação quando detém os cuidados para o nova relação estabelecida com outro animal, orientada para a restauração (Casellato, 2015).

Sendo assim, quando ocorre a aquisição de um novo animal logo após a perda de outro, pode haver a oscilação tanto voltada para a perda como para a restauração. Se esta aquisição foi imposta por terceiros, o tutor fica orientado para a perda, evitando até de lidar com o luto e realizando comparações de que o animal que faleceu era melhor do novo, inclusive podendo ocorrer situações de rejeição e abandono. Representa uma orientação voltada para a restauração quando todos, inclusive o tutor manifesta o seu desejo em ter outro animal e dedicar o seu tempo e cuidados para com este (Oliveira, 2013; Bromberg, 1996 em Casellato, 2015).

Também, identifica-se que a recusa em não ter mais um animal de estimação está relacionada com o medo de perdê-lo e sofrer novamente (Azevedo, 2008; Beck & Katcher, 1996; Quackenbush & Graveline, 1988 em Casellato, 2015) Outro motivo pode estar atrelado como uma aquisição que trai a relação que estabeleceu com o animal que faleceu (Sife, 1993 em Casellato, 2015). Percebe-se que ter outro animal não ameniza o processo de luto, pois cada vínculo estabelecido é único (Beck & Katcher 1996; Fuchs, 1987; Sife, 1993 em Casellato, 2015). Sendo assim, quando os pensamentos e atitudes estão voltados

mais para a restauração, vínculos com outros animais poderão ser novamente formados, para amar e sentir-se amado (Casellato, 2015).

Dessa maneira, ao considerar que os vínculos estabelecidos são insubstituíveis, o autor afirma que “enfrentar o processo de luto não é se esquecer do ente querido falecido, mas incluir esse tesouro perdido com outro significado na reconstrução e remodelação do mundo presumido” (Parkes, 2009 em Casellato, 2015, p. 85). É entendido também, que após uma perda significativa, leva um tempo para que a pessoa reconstrua esse de outra maneira. Decide-se o que manter e o que abandonar em relação à memória do animal, podendo ser fotos, pertences, visitas aonde se encontram os restos, ter um filhote do animal que perdeu, dentre outros (Oliveira, 2013; Bromberg, 1996 em Casellato, 2015).

Considerando isso, o luto pode ser elaborado de uma forma satisfatória quando o indivíduo é capaz de reorganizar-se diante da perda e não precisa se desvincular totalmente da sua figura de apego (Bowlby, 1980; Mikulincer & Shaver, 2008 em Casellato, 2015). Uma elaboração saudável requer a aceitação da figura perdida e o estabelecimento de uma nova forma de vinculação simbólica com o que faleceu, de maneira a integrá-lo na nova realidade (Casellato, 2015). Dessa maneira, a teoria de Bowlby afirma que a função do apego é garantir a segurança da experiência de ter alguém disponível quando necessário. Uma forma de lidar com as perdas é se vincular com outras pessoas, buscar por redes de apoio, mas que estas sejam suportivas diante do sofrimento do outro e dispostas a auxiliá-lo. Também, quando as pessoas percebem que podem confiar nos outros, torna-se mais fácil que esta procure ajuda em situações difíceis (Raphael, 1977 em Parkes, 2009).

Conceito de Família Multiespécie e o Luto

O conceito família é entendido como uma organização complexa, na qual o contexto e as interações influenciarão na formação da personalidade e comportamento do indivíduo (Costa, 2010; Pratta & Santos, 2007 em Gazzana & Schmidt, 2015). A importância deste termo para o sujeito se deu através da etologia humana, que levantou a relevância dos cuidados iniciais para o desenvolvimento infantil e passando a ser considerada um contexto que está diretamente relacionado à evolução do ser humano (Kreppner, 2000 em Pontes, Silva, Garotti & Magalhães, 2007). Família é entendida também como uma rede de relações e emoções, de maneira que não pode ser pensada isoladamente. Este conceito é compreendido através de um sistema, que produz e é

influenciado por outros, entendido em sua totalidade (Gameiro, 1992 em Rodrigues, 2015). O contexto de família é um lugar de importância para o sujeito, visto que há um espaço onde se trocam afetos e desafetos, além de juntos, poderem enfrentar dificuldades referentes ao cotidiano (Osório, 2006 em Rodrigues, 2015).

Com base nisso, é importante destacar as mudanças que vem ocorrendo nas configurações familiares e abordar o conceito de multiespécie, como a existência de um sistema familiar não somente com pessoas da família estendida, com ou sem grau de parentesco, mas incluindo outras espécies, como cães, gatos e outros animais (Bowen, 1978 citado por Gaedtke, 2019). Nessa nova composição, observa-se que os animais recebem nomes próprios, podem ser registrados em cartório com o sobrenome da família e muitas vezes, ocupam o papel de filhos (Gaedtke, 2019). Essa configuração leva em consideração novos arranjos que além dos laços sanguíneos que, neste caso ficam em segundo plano, incluem a proximidade, intimidade e vínculos afetivos (Macedo, 2008 em Gazzana & Schmidt, 2015). O que se identifica é que cada vez mais o animal de estimação é considerado um amigo, um integrante da família e até o substituto de algum membro (Dott, 2005; Faraco & Seminotti, 2004 em Gazzana & Schmidt, 2015).

Essa relação entre o homem e outros animais é observada desde o início da vida primitiva, no processo de domesticação. O registro mais antigo da atualidade com base nessa relação foi a descoberta de um túmulo em Israel, com 12 mil anos, onde encontrou-se um corpo feminino e idoso, com sua mão segurando um filhote de cachorro (Lantzman, 2004 em Gazzana & Schmidt, 2015). Desde então, os animais estão sendo utilizados para as mais diversas utilidades, que vai do fornecimento de alimento e couro até o lazer e trabalho (Bianchi & Villela, 2005; Molento, 2005 em Jordão, Faleiros & Aquino, 2011).

Visto isso, o processo de domesticação diz respeito aos animais que se tornam adaptados ao homem e ao ambiente, através de alterações genéticas e eventos induzidos pelo meio durante cada geração (Price, 1984 em Jordão et al., 2011). O que se observa é que desde o início desse processo, a relação entre o humano e o animal tem sido simbiótica, ou seja, o animal fornece algo para o humano, por exemplo, força de trabalho e, este último, em troca disso, oferece abrigo, nutrição, cuidados gerais e proteção de predadores. Estudos indicam que em todo o planeta há cerca de trezentos milhões de animais que são utilizados como meios para a atividade laboral, considerando que as espécies mais encontradas são a canina, bubalina, bovina, equina, asinina e os muares (Jordão et al., 2011).

Também, o que era observado antigamente, é que o antropocentrismo tornava-se bastante evidente na relação estabelecida entre humano e animal, colocando o primeiro numa posição hierárquica de poder na natureza, utilizando-se dos animais para a satisfação de suas necessidades. Forças sociais, econômicas e culturais induziam ao sentimento de superioridade do humano para com o não humano e sob uma perspectiva psicológica, foi possível identificar duas razões para a resistência em reconhecer a relação estabelecida, a questão da religiosidade e a lógica racional da época. A religião concedia os animais na posição de coisa e objeto passível de propriedade. Já o termo racional, estaria relacionado ao ser humano ocupar uma posição privilegiada em relação à natureza, por conta da sua capacidade de linguagem, emoção, raciocínio e consciência que não era equivalente quando se tratava de animais. Dessa forma, as pessoas tornavam-se incapazes de reagir ao sofrimento daqueles que não eram da mesma espécie, pautando-se apenas na utilidade do animal em relação às necessidades laborais. Considerando isso, para se modificar o pensamento antropomórfico da época, precisava-se de muito esforço, pois a empatia identificada era desigual em relação às espécies. O poder de dominar sobre os animais era justificada muitas vezes pela religião e orgulho da espécie humana, impedindo que ocorresse a compaixão, pois dessa forma haveria a necessidade de se utilizar da emoção, justificando um tratamento mais humanitário com o considerado diferente do humano, o que não era bem visto na época (Ribeiro, 2011).

Foi então, a partir da capacidade de domesticação de alguns animais, que a relação entre humano e não humano se iniciou e, foi se estreitando com o passar do tempo. Segundo alguns estudos, a domesticação depende dos seguintes fatores: que os alimentos exigidos estejam acessíveis, a facilidade de reprodução e a alta velocidade de crescimento, além da disposição amigável e não agressiva, o respeito ao líder, facilitando a convivência e, por fim, resistência à prisão e etc (Ribeiro, 2011).

Em relação aos cães, estudos abordam que os humanos tenham conseguido domar filhotes de lobos, já outros, dizem que estes animais teriam se aproximado da espécie humana por conta dos alimentos. Indiferente do que de fato tenha ocorrido, pesquisas indicam que os lobos teriam sido transformados em animais mansos, descobrindo-se posteriormente a utilidade destes para as diferentes situações, como a de caça, pastoreiro e companhia, aparecendo diversas raças durante o século XIX e perdurando até o atual momento. Foi a partir desta convivência que, primeiramente, esteve fundada na dominação e utilitarismo do animal que proporcionou posteriormente uma nova concepção de relação, onde o animal doméstico está destinado à companhia, considerando os vários benefícios

envoltos da interação, de ordem psicológica, fisiológica e social, oferecendo assim, que este usufrua de uma vida digna (Ribeiro, 2011).

A espécie felina também passou pelo processo de domesticação, tendo sido inserida pelos povos neolíticos após terem suas plantações de cereais invadidas por ratos e os gatos introduzidos de maneira a controlar a peste. Nesta época e com o propósito de domesticar surgiram vacas, cabras, ovelhas, raposas, porcos e veados, todos em benefício ao ser humano. Já na idade do bronze e do ferro, o cavalo foi um animal bastante importante nas atividades nômades, tendo sido domesticado por volta de 3.500 anos a. C. e sendo considerado um meio de transporte seguro e rápido para a época (Mendes & Bonorino, 2019). Considerando isso, e a partir da evolução que ocorreu na relação entre humano e não humano, cavalos, cães e gatos foram designados animais de companhia pelos recíprocos vínculos emocionais com a espécie humana (Faraco, 2008 citado por Mendes & Bonorino, 2019).

Dessa maneira, percebe-se que o processo de domesticação não é específico dos animais, mas também do ser humano, quando aparece na forma de afeto e responsabilidade no cuidado do animal, nas mudanças de rotina que a chegada de um animal promove na família, nas transformações quando ocorre o adoecimento e envelhecimento do mesmo (aprender a manusear injeções, fazer curativos, dar comida na boca, carregar no colo) e na convivência de uma maneira geral (Gaedtke, 2019). E, por mais que afete toda a rotina e comportamento dos humanos, as famílias multiespécie reforçam as transformações que ocorrem nestas relações. Por isso, para que os animais sejam inseridos nesses sistemas, o processo de domesticação é de extrema importância. O controle das famílias em relação ao seu animal de companhia é observado através de tratamentos medicamentosos, adestramento e/ou convivência com outros não humanos. Outra característica desse sistema é uma busca crescente por serviços terceirizados, como psicólogos, adestradores, *dogwalkers*, *pet sitters*, recreadores em creches e *daycares*, dentre outros. Essa seria uma maneira encontrada pelas famílias multiespécie para garantir mudanças comportamentais relacionadas aos excessos de latidos, coceiras recorrentes, agressividade, hiperatividade, destruição de objetos, excreção em lugares indevidos e etc (Elias, 1994 em Gaedtke, 2019).

Retomando que a relação entre humano e animal é bastante antiga, o que também se tem percebido são as modificações ao longo do tempo, como o animal que antes estava nos quintais das casas e se alimentavam de sobras dos humanos, passam a ficar nos interiores das residências, se alimentando de comida especial, além de cuidados médicos

disponibilizados quando necessário. Outra característica dessa mudança é que no passado os animais eram adotados por razões específicas e de ordem prática, como cuidar da segurança da casa e servir de auxílio para tarefas de trabalho. Diferentemente do que acontece hoje e por conta da adoção, as pessoas passam a ter menos contatos sociais, pois encontra nessa relação o prazer no vínculo com outro ser vivo (Archer, 1997 em Vieira, 2019).

Com base nisso, estudos têm apontado que a relação estabelecida entre tutor e animal de estimação ultrapassa o lazer e a companhia. Dessa maneira, sugere-se que a interação ocorrida promove mudanças comportamentais positivas no ser humano, além de estimular o desenvolvimento de habilidades e, o desempenho da responsabilidade nos cuidados com o animal nos diferentes contextos e culturas (Gazzana & Schmidt, 2015). Também, é identificado que o animal parece suprir algumas necessidades emocionais do ser humano, se apresentando como fonte de segurança e efeito calmante em situações de ansiedade expressas pelo tutor. Dessa maneira, entende-se que os benefícios são muitos na saúde física e psíquica proporcionados na relação estabelecida entre humano e não humano. Alguns exemplos podem ser mencionados, como a menor incidência de doenças cardiovasculares, redução dos níveis de triglicérides, colesterol e pressão do sangue, além de uma melhor recuperação e taxa de sobrevivência a infartos, menor ocorrência de doenças, diminuições das reações de estresse, sensação de bem estar, aumento na recuperação de doenças psiquiátricas, no cuidado pessoal e autoestima por parte do sujeito (Archer, 1997 em Silva & Medeiros, 2014).

Também, como exemplo dos benefícios dessa relação, têm-se a diminuição das tensões entre os membros da família, o estímulo à prática de atividades físicas, redução do sentimento de solidão (Almeida, 2009 em Gazzana & Schmidt, 2015); aumento da produção de endorfina e de anticorpos que protegem o organismo, diminuição na percepção de dor (Caetano, 2010 em Gazzana & Schmidt, 2015); redução do isolamento social e facilitação da integração entre as pessoas (Lynch, 2006 em Vieira, 2019). Além disso, algumas características definem o animal como sendo um membro da família e demonstra o nível de apego estabelecido, são elas: carregar a fotografia do animal, deixar este dormir na cama, falar e interagir com o mesmo (Archer, 1997 em Silva & Medeiros, 2014). Compreendido que além de o animal parecer suprir algumas necessidades emocionais dos seus tutores, estes últimos realizam o papel de proteger o seu bicho de estimação (Gazzana & Schmidt, 2015). Dessa forma, o indivíduo que é o cuidador deste animal representa para ele proteção, conforto e suporte, sendo bases para uma relação feliz

e saudável. Visto isso, quanto maior o afeto pelo animal, maior será o vínculo estabelecido entre ele e o tutor (Bowlby, 2002 em Gazzana & Schmidt, 2015).

Com base nisso e retomando o conceito de família, identifica-se que qualquer mudança ocorrida envolvendo um dos membros, afetará todos os outros e as relações construídas entre eles (Schmidt, 2012 em Gazzana & Schmidt, 2015). Além disso, esse sistema pode ser entendido como um lugar de acolhimento do outro, identificando-se com a dor expressa, existindo a troca e suporte de perdas em um processo de luto. Também, a família é conhecida como o primeiro recurso de assistência ao membro que sofreu uma perda e por conhecer esse indivíduo, este sistema consegue perceber alterações no comportamento, como as mudanças que o luto ocasiona e oferecer o suporte necessário (Rodrigues, 2015).

Dessa forma, compreende-se que todo tipo de perda causará alterações nos diferentes níveis físicos e psíquicos do sujeito, e que estes influenciarão todo o contexto familiar. O apoio da família nestes momentos é um importante recurso para o indivíduo conseguir elaborar a sua perda de uma maneira saudável (Rodrigues, 2015). Sendo assim, estudos identificam duas tarefas da família que auxiliam na adaptação frente ao processo de luto, além de fortalecer o sistema, são elas: o reconhecimento compartilhado da realidade da morte e a experiência comum de perda, sendo comunicada uma informação clara e possibilitado um diálogo aberto sobre os fatos e condições da perda; a segunda tarefa é descrita como a reorganização do sistema familiar e o reinvestimento em outras relações e projetos de vida, envolvendo uma reaproximação nas relações e a nova organização dos papéis assumidos dentro do sistema diante da perda, promovendo um acordo entre os membros e uma flexibilidade no contexto familiar (Walsh & McGoldrick, 1995 em Ramos, 2016).

MÉTODO

Delineamento

Quando se define um problema, é a partir dele que o pesquisador escolherá um método, a fim de se chegar ao seu objetivo de compreensão do estudo. Poderá ser uma compreensão qualitativa, quantitativa ou a mistura dos dois (Laville & Dionne, 1999). Assim, o delineamento deste estudo é qualitativo, dividido em três categorias ou abordagens: exploratória, descritiva e explicativa/interpretativa. Essa primeira abordagem pode ocorrer em duas situações, através de uma pesquisa quantitativa e, também, para aprofundar a pesquisa de um determinado assunto, gerando assim, novas ideias e hipóteses que poderão ser estudadas futuramente. A segunda abordagem visa descrever dados acerca de uma população ou fenômeno, além do estabelecimento de variáveis entre as relações estabelecidas entre estes. Já a terceira abordagem, preocupa-se em identificar os meios que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fatos, buscando explicar a razão e o porquê das situações (Gil, 2008).

O objetivo do estudo em questão se deu a partir da primeira e da terceira abordagens, envolvendo um filme e a relação estabelecida entre os personagens principais, diante da teoria do apego desenvolvida por Bowlby e bastante conhecida na Psicologia, que pode possibilitar maior conhecimento do fenômeno através das cenas destacadas do artefato cultural escolhido, da aproximação destas com a revisão da literatura construída durante o processo e, assim, podendo propiciar possível interesse futuro no desenvolvimento do tema.

Fontes

O artefato cultural escolhido tratou-se de um filme baseado em uma história real, no período de 1925, que leva o nome *Togo*, tendo sido estreado em 20 de dezembro de 2019, com duração de 1h e 53min, além de uma mistura de gêneros relacionados a drama, aventura e biografia. A sua nacionalidade é americana (EUA), tendo como produtora Jessica Virtue e na direção Ericson Core, além dos protagonistas principais, Willem Dafoe e Julianne Nicholson.

O filme apresentou uma história sobre a criação de animais da raça Husky Siberiano mantida por Seppala, que além de treinar os cães para puxar os trenós nas mais diversas situações, também os comercializa com a população que tinha interesse em

adquirir um animal como este. Seppala se mostra, no início do filme, como uma pessoa com dificuldades em estabelecer um vínculo afetivo com os animais que têm, utilizando-os apenas com o objetivo de realizar a sua atividade laboral. Quando Togo nasce, fica doente e, portanto frágil, precisando dos cuidados da esposa de Seppala para se recuperar. Diante disso, o treinador de cães o rejeita e quando maior, o animal mostra-se totalmente hiperativo, tendo Seppala dificuldades para mantê-lo preso, inclusive justificando como impossível treinar um cão como Togo. Portanto, ele tenta por duas vezes se livrar do animal, que sempre retorna para casa. Até que em determinado dia, o tutor cansado com a situação, o coloca junto com os outros cães para avaliar a capacidade do animal em puxar seu trenó e admira-se com o que vê. Togo logo se torna o líder, colocando-se à frente dos demais cães, mostrando-se competente e fiel diante das necessidades de Seppala. É possível se identificar uma grande mudança na relação desse humano com o animal, estabelecendo algo genuíno e com muito afeto. O objetivo do estudo proposto foi de apresentar uma possibilidade de compreensão da relação estabelecida entre Seppala e Togo através da teoria do apego desenvolvida por John Bowlby. Além disso, entende-se importante realizar uma aproximação com as demais famílias que sofrem com uma situação de perda, seja por morte ou desaparecimento do seu animal de estimação. Ressalta-se que este tipo de relacionamento com um animal pode estar representando algo muito importante, sendo considerado um membro da mesma, além de outros benefícios identificados na convivência de ambos para a saúde física e mental. Para isso, também, foi desenvolvido o tema luto diante do processo de separação e rompimento do vínculo afetivo, podendo ser construído, também, em uma relação entre humano e não humano.

Instrumentos

O filme foi escolhido para realizar aproximações entre a teoria do apego descrita por John Bowlby e a relação estabelecida entre um humano e o seu animal. As informações foram organizadas em uma tabela, estando inserida no corpo do texto de forma simples e objetiva para se explorar as informações acerca das cenas recortadas e categorias de análise. Diferentemente das fichas catalográficas, que não serão utilizadas aqui, mas que também podem servir como um instrumento de pesquisa, utilizando-se como um guia para o projeto. Relatórios de pesquisa costumam incluir o uso de tabelas nas partes em que são referidas o desenvolvimento das informações. Estas servem para reunir os dados que serão tratados ao longo do trabalho, podendo serem completas em si, mas exploradas e

integradas no texto, acrescentando algo ao estudo e uma melhor visualização das informações (Laville & Dionne, 1999).

Considerando isso, foi utilizada apenas uma tabela para a organização das informações do que se propôs a desenvolver ao longo do estudo. Esta contém as categorias de análise selecionadas no decorrer do trabalho e, respectivas descrições e tempo das cenas do artefato cultural filme escolhido de nome *Togo*. Desta maneira, objetivou-se a escolha e o uso da tabela para compor os resultados que foram retomados e abordados na discussão do estudo.

Procedimentos

A construção da revisão da literatura envolveu a leitura crítica de livros clássicos, trazendo autores que abordam a temática do estudo, além de artigos científicos atuais para a complementação do material. Os livros seguiram o referencial da teoria do apego de Bowlby, tendo vários seguidores dessa abordagem. Já os artigos foram identificados principalmente nos sites *Scielo*, *Bvs-Psi* e *Pepsic*, a partir dos descritores luto, teoria do apego, família multiespécie e relação homem-animal.

Com a definição do filme, este foi assistido várias vezes, tendo sido selecionadas 16 cenas e agrupadas em 3 categorias de análise, sendo que as categorias foram definidas *a posteriori*, tendo sido nomeadas como animal e relação com o trabalho; vínculo e culpa e; luto e elaboração. Assim, realizou-se a busca, seleção e organização dos dados do artefato cultural e, construída uma possível discussão, alinhada à luz da teoria do apego, apresentada na revisão da literatura deste estudo.

Referencial de Análise

Neste trabalho, fora utilizada análise de conteúdo proposta por Laville e Dionne (1999). O objetivo esteve em analisar a estrutura e elementos destes a fim de compreender as características do que foi selecionado e aplicar um significado a elas. Segundo os mesmos autores, três modos de definir as categorias são propostos, sendo eles, os modelos abertos, fechados ou mistos. O primeiro descrito e, portanto aberto, diz respeito a categorias não fixas desde o início da pesquisa, mas escolhidas no decorrer da mesma (*a posteriori*), o qual foi construído neste estudo. O modo fechado consiste em definir

categorias já no início da pesquisa (*a priori*), apoiando-se no material teórico pesquisado. Por fim, o modelo misto, é um conjunto dos dois acima mencionados, sendo as categorias selecionadas no início, mas podendo ser alteradas durante a análise dos dados (Laville & Dionne, 1999).

Considerando isso, a análise de conteúdo pode utilizar três diferentes estratégias: o emparelhamento, que consiste em associar os dados colhidos com a teoria pesquisada, de modo a realizar uma comparação e verificar se há significado entre os dois. A análise histórica, que visa a utilização de um quadro teórico explícito para elaborar um roteiro do que será estudado/avaliado e a evolução desse trabalho, identificando o sentido daquilo. E, por fim, a construção interativa de uma explicação, que diferente dos dois acima mencionados, não se utilizando de uma teoria num primeiro momento, mas observando a interpretação interativa e desenvolvendo aos poucos explicações diante do fenômeno, examinando um conjunto de informações que relacionam-se entre si, como é o caso das unidades de sentido, as inter-relações entre estas e as categorias as quais inserem-se (Laville & Dionne, 1999).

Dessa maneira e identificado no objetivo da pesquisa, foi trabalhada a análise de conteúdo qualitativa e a estratégia de emparelhamento, que buscou analisar os recortes de cenas do filme escolhido, objetivando um entrelaçamento com a revisão da literatura do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando a proposta do estudo, buscou-se por um artefato que pudesse contribuir para o tema e responder ao problema de pesquisa. Diante da escolha do filme *Togo*, este foi assistido por várias vezes e destacadas cenas que correspondessem aos objetivos específicos do trabalho e escolhidas de modo a fornecerem informações para responder ao objetivo geral, que basicamente estão relacionados na apresentação de aspectos fundamentais da teoria do apego proposta por Bowlby, descrever acerca do conceito de luto e caracterizar a família multiespécie. Com base nisso, foram construídas categorias de análise de conteúdo que abordaram a relação do animal com o trabalho, o vínculo e a culpa, além do luto e a necessidade de elaboração, relacionando com a revisão da literatura construída ao longo do processo e realizando aproximações que pudessem ser compreendidas de maneira a responder o que se propôs no início deste estudo. Dessa forma, a tabela 1 apresenta os nomes de cada categoria abordada com suas respectivas descrições, além do tempo das cenas correspondentes. Posteriormente, segue-se com a apresentação de uma possível discussão das temáticas abordadas neste estudo, a partir das categorias de análise definidas.

Tabela 1: Categorias de Análise e respectivas Descrições das Cenas

Categorias	Descrição das cenas
A - Animal e Relação com o Trabalho	<u>Cena 01 (17:35 – 18:58)</u> Constância está no quarto do casal cuidando de um filhote de cachorro. Quando o esposo chega, logo diz para ele cuidar dos seus negócios, que ela cuidará dos dela. O companheiro então fala que não pode ficar calado e afirma que não quer cães no quarto. Ela diz que o animal está com dor e ele responde que o filhote tem mais imperfeições do que tamanho e, complementa que a natureza tem as suas maneiras de resolver as coisas. Constância pede então se deve afogá-lo e acelerar o processo. O esposo diz que o Alaska pode ser cruel com os fracos e ela o questiona sobre dar uma chance a vida do animal. Seppala pede sobre o que o cão trará de importante caso sobreviva, respondendo ela como será um sobrevivente. Ele então diz que Constância é muito sensível e ela retruca dizendo que o esposo é muito Norueguês.

Cena 02 (19:06 – 20:33)

Casal está realizando trabalhos fora de casa e conversam sobre o filhote, ela o questiona sobre por que o esposo não o coloca de volta no canil. Este diz que toda vez que faz isso, o cão cava para sair, passando mais tempo preenchendo buracos do que fazendo o que deveria. Seppala continua dizendo que a culpa é de Constância, retrucando ela ter pensado que o esposo fosse um ótimo treinador de cães. Ele então diz que o animal é um demônio, que São Francisco de Assis mataria o cão, além de o considerar mentalmente deficiente, muito pequeno, sem inteligência e intreinável. A esposa do mesmo diz que o animal é rápido e que deveria dar uma chance a ele no trenó. Seppala responde que ele não é um cão de trenó e nunca será. Logo, Constância diz que se não tentar não vai saber. Então, Seppala responde que nunca irá saber, pois um morador da cidade se interessou pelos seus filhotes e ele já sabe qual irá dar. A esposa se mostra chateada e o companheiro lhe diz que todo ano passam por isso, lembrando que os cães não são amigos, não são de estimação, não são seus filhos, mas animais de trabalho.

Cena 03 (43:46 – 45:40)

No decorrer do filme e durante a sua jornada em busca do antídoto para salvar as crianças da cidade de um surto de difteria, Seppala tem a lembrança que por duas vezes tentou se desfazer de Togo. Na segunda vez, o casal o levou de carroça, guiada por dois cavalos, até a casa de uma mulher que queria um cachorro para a guarda de sua residência. No caminho e observando que Constância se mostra triste diante da situação, Seppala ordena que os cavalos parem e conversa com a companheira. Diz que o seu negócio são cães, não de estimação, mas de trabalho, que decisões difíceis precisam ser tomadas e que se aquela era uma assim, deveriam se considerar sortudos. Aborda ainda, que ela vê espírito em uma coisa amável, já ele, tudo o que vê são problemas, perda de tempo e fracasso.

Cena 04 (48:20 - 53:37)

O filhote foge da casa onde o haviam levado e encontra Seppala no trenó com os outros cães. Ele encontra sangue no animal e tenta colocá-lo no trenó para levá-lo para casa, mas o cão sai e insiste em ficar na frente do grupo. Então, Seppala decide testá-lo no trenó e o coloca junto com outra cadela. Por se mostrar mais veloz que ela, troca o filhote de lugar e o coloca mais a frente, isso ocorrendo até chegar em casa e o animal estar na frente de todos os outros como líder do grupo. Seppala admirado com a força e obediência no trenó por parte do filhote, diz a esposa que é a coisa mais extraordinária que já viu, que o animal não é um cão de trenó, mas sim, um cão líder, tendo superado cada um dos demais, sendo magnífico e

futuro campeão. A partir disso, diz que a esposa tinha razão, que o filhote tem o coração de um sobrevivente e decide chamá-lo de Togo, por conta do almirante e, ainda, justificando como um renegado com o nome de um renegado.

B - Vínculo e Culpa

Cena 05 (53:45 – 54:40)

Seppala chama a esposa no quarto enquanto o filhote permanece deitado na porta do mesmo. Ele pede para a esposa sentar-se ao seu lado na cama e chamar para que o animal entre no quarto. Ela chama o filhote por duas vezes e ele não a obedece, permanecendo deitado na porta do quarto do casal. Seppala levanta da cama, diz sem cães no quarto e se direciona até o animal, acariciando-o e reforçando o seu comportamento, deixando até que ele lamba o seu rosto, situação que até então não havia sido vista com os outros cães.

Cena 06 (03:28 – 06:21)

Em um de seus trajetos com Togo e o restante de seus cães, quando retorna à cidade, é avisado sobre um surto de difteria entre as crianças que vem se espalhando há mais de uma semana e que cinco já morreram, vinte estão doentes no hospital e que podem haver outras mais nas vilas. O rapaz conta que encontraram um soro em outra região, não sabendo como trazer de lá para cá em função da situação climática do Alaska. Diz ainda, que há um grupo reunido que se encontra ali perto e aguardam por ele para decidirem o que fazer. Chegando ao local e durante a discussão, pedem a opinião de Seppala, ele diz que a tempestade que se aproxima vai ser ruim como nunca e refere ao comportamento de Togo no último trajeto realizado. Diz que encontraram algumas renas no caminho e que mesmo colocando o seu pé no freio do trenó, Togo ignorou e continuou, tendo percebido que a tempestade é especial. Continua, afirmando que nunca em doze anos ele desviou das renas e, quando um animal nega a sua natureza e vai para o celeiro, pois teme a tempestade, é bom que o homem também a tema.

Cena 07 (10:28 – 12:58)

Casal está na cama conversando sobre a possibilidade de Seppala ir em busca do antídoto para salvar as crianças da cidade que enfrentam uma séria epidemia. A esposa, mostrando-se preocupada, o questiona sobre não levar Togo, mas outro cão em seu lugar, respondendo o esposo que ainda não sabe se irá. Ela argumenta que Togo tem 12 anos e que Seppala já havia comentado que ele seria velho demais para um trajeto longo. O esposo, demonstrando firmeza, responde que Constância está preocupada à toa, que é melhor tentarem dormir. Ela, chorando, se vira na cama e diz que o está alertando antes que tome uma decisão e depois se arrependa. Você é mais apegado à ele do que pensa e pode levá-lo à morte, e você não está preparado para as consequências disso,

eu posso garantir (sic). Ele a questiona sobre se já acabou o assunto e ela continua, ele é o seu cão e um cão de trabalho, se eu fosse mais pragmática, não amaria tanto, mas amo e por isso que estou triste de saber que ele pode não viver muito (sic). Seppala tenta a tranquilizar sobre caso vá nas condições climáticas em que o Alaska se encontra sem Togo, que estas seriam as últimas horas do animal com ele e que ainda não decidiu sobre ir.

Cena 08 (14:03 – 15:50)

Seppala está sentado no chão junto de Togo o acariciando. Diz que precisam ser inteligentes, o animal puxando o trenó diante do seu comando, sem vacilar, sem discutir, apenas obedecendo e o questiona: Acha que consegue meu rapaz? Logo em seguida, com o trenó pronto e os cães em seus postos, Constância vai ao encontro do companheiro e este diz que já viu tempestades piores, ela logo pergunta: Que tal um piquenique? Ele sorri, a abraça e responde que irá voltar antes que ela perceba. A companheira, então, diz que não vai nem arrumar a cama e os dois se beijam. Constância se aproxima de Togo, se agacha e diz: Traga ele de volta pra mim tá? E volte pra mim também! Acaricia o animal e retorna para dentro de casa, enquanto o esposo dá a ordem para Togo iniciar o trajeto.

Cena 09 (23:49 – 26:14)

Seppala está em cima de um morro e diz a Togo que a parte fácil acabou. Os animais seguindo o seu comando dão continuidade ao trajeto, mas logo à frente há um precipício. Quando Togo vê para, mas o trenó continua descendo em alta velocidade. Seppala tenta colocar ganchos no gelo de maneira a segurar o meio de transporte, mas o trenó o puxa e ele cai, derrapando ladeira abaixo. Na beira do precipício, Seppala consegue parar o trenó e pede para Togo voltar e puxar o restante do grupo. O animal com certa dificuldade consegue fazê-lo, machuca a pata e se direciona ao seu tutor. Seppala então diz: Dá próxima vez que eu for para o lado errado, pode me mandar para o inferno, deixando Togo o lamber e reforça com: Bom menino! Todos bons meninos! Ainda, vê a pata machucada de Togo e diz que precisam cuidar dela na estalagem.

Cena 10 (38:45 – 41:00)

Ao precisar atravessar o Golfo de Norton congelado para chegar antes ao seu destino, Seppala e os cães se deparam com uma situação bastante desafiadora, o gelo começa a se rachar e o tutor à fim de os motivá-los enquanto atravessam juntos exclama: Muito bom! Não para! Foco meninos! Vamos ter medo do gelo agora? O gelo é que não tem coragem para essa luta! Deixam que ele vá embora, o passaporte dele já está carimbado! Cita os nomes, dele e de todos os animais e, diz que ficarão para a história.

Cena 11 (01:00:58 – 01:02:45)

Seppala na estalagem com outros dois colegas e Togo. Um deles diz que ninguém é tão forte quanto Seppala, além de o cão deste ser o melhor já visto. Também, diz ver um animal cansado, que a tempestade quase acabou com os seus cães e, parecendo preocupado com a situação de Togo fala: Deixe-o aqui, vou cuidar dele até o clima melhorar. Seppala, bastante intrigado com a colocação do amigo responde com certa agressividade: É o meu líder! Agora faça um favor para você e cuide dos seus cães! Logo, o colega diz que sim e tenta se retirar, Seppala se desculpa pelo ocorrido e responde: Aconteça o que acontecer, sucesso ou fracasso, a responsabilidade é minha, mas agradeço por pensar no cachorro, nem todos pensam.

Cena 12 (01:09:00 – 01:14:45)

Na volta do trajeto e buscando passar novamente pelo Golfo de Norton congelado, Seppala e seus cães enfrentam mais um desafio, só que dessa vez mais perigoso, pois o local descongela-se com muita rapidez. Quando enfim, conseguem se aproximar do final, o bloco de gelo onde se encontram está distante de onde precisam chegar. Leonard então tem a ideia de jogar Togo na terra com gelo e pede para o animal puxar enquanto ele e os demais aguardam o bloco de gelo se aproximar da terra firme. Quando o animal consegue e os outros realizam o trajeto, Seppala fica para trás e precisa tomar a decisão de pular, ele também consegue. O animal então se aproxima dele, o lambe e seu tutor diz: Bela luta Togo! Bom menino! E, se direcionado também aos demais cães, fala: Bons meninos!

Cena 13 (01:19:40 – 1:28:34)

Também, no retorno do trajeto, Seppala apresenta dificuldades em enxergar por conta dos fortes ventos e da neve no Alaska. Por isso, ele toma a decisão de se direcionar até o cão líder, se agacha e diz: Togo! Eu sinto muito! Não posso te ajudar, eu não consigo ver. Temos que chegar até a estalagem do Bili, leva a gente até lá, eu sei que consegue! Bom menino! Ele volta para o trenó, pede para os cães continuarem e deita sobre o mesmo, acordando mais a frente e vendo os animais deitados sob o gelo. Preocupado, se direciona até Togo e diz que não podem parar, se não, irão morrer. Logo, chegam duas pessoas que chamam por Seppala e ele se dá conta que o animal o levou aonde ele havia pedido. O tutor então pega o cão no colo e vai até a estalagem, deita-se agarrado ao animal e os dois adormecem no chão em frente à uma lareira. No amanhecer e despedindo-se do colega à quem forneceu abrigo, agradece por ter sido um ótimo anfitrião e ter tratado Seppala e seus cães como família. Leonard segue o trajeto para casa caminhando,

segurando Togo ao seu lado e os demais cães atrás de si puxando o trenó.

C - Luto Antecipatório Cena 14 (1:29:03 – 1:35:16)

e Elaboração

Seppala chega em casa e a esposa vai em sua direção no quarto, encontrando Togo deitado na cama do casal. Os dois permanecem ali, de pé, abraçados e observando o cão por um tempo. Ao acordar pela manhã, encontra Constância sentada no chão acariciando o animal que ainda se apresenta com uma das patas enfaixada. À noite, o casal recebe a visita de uma criança que foi curada com o soro trazido por Seppala e os cães. A menina entrega para Seppala uma mini escultura e diz ser Togo, esculpida pelo pai e pintada por ela. Depois, agacha-se ao lado de Constância para acariciar o cão, enquanto Seppala e o pai da criança conversam. Ele fica mobilizado com o assunto que remete ao fato da menina ter sobrevivido graças ao antídoto, quando a criança pergunta: Senhor Seppala, o Togo vai morrer? Ele olha para a esposa e sai porta a fora, parecendo intrigado. Constância vai atrás na tentativa de que ele se desculpe com as visitas e Seppala diz que entende o que a menina disse como sendo verdade, não era só a pata que estava ruim, que os dois já haviam visto isso anteriormente. Continua, dizendo que tudo aquilo que Constância havia tentado alertá-lo estava acontecendo, que por sua causa Togo iria morrer, que ele havia feito isso e que não estava preparado.

Cena 15 (1:35:45 – 1:42:13)

Seppala se arruma para ir trabalhar, mas desta vez, sem Togo, que continua com a pata enfaixada. O animal o acompanha pela casa e ele se abaixa diante do cão dizendo que precisa ir, pedindo perdão ao animal. Quando sai de trenó com os outros cães, Togo fica inquieto e tenta ir atrás, consegue abrir uma porta e corre na direção do tutor. Constância segue atrás e Seppala para o trenó quando vê o animal vindo em sua direção. A partir dali, decide parar de trabalhar com cães. Ele opta junto da esposa em fazer caminhadas e percebe que o animal não vivia para o trenó como ele pensava, mas por Seppala. Os seus seguintes dois anos dourados, assim descritos por ele, foram vividos por Togo com outro emprego, o de pai e condutores de todo o mundo se cotovelavam atrás de seus filhotes, tendo estes se tornado conhecidos como Siberianos Seppala, raça valorizada por sua inteligência, resistência, coragem, mas, acima de tudo, por sua boa natureza e vínculo incomum com os humanos, tendo este momento se apresentado na varanda com Constância, Seppala e Togo, os três sentados lado a lado.

Cena 16 (1:42:15 – 1:43:10)

Pôr do sol e varanda, sendo descrito este momento por Seppala como tendo sido deixados por Togo em uma quinta-feira de dezembro, seguido por um trajeto feito por ele de trenó com outros cães e mencionando que ele e a esposa resolveram

voltar a trabalhar com animais, pois quando se passa muito tempo com eles, estes ficam tatuados em sua pele e, caso tenha a sorte de conhecer um dos grandes, tendo tido por alguns instantes a lembrança de Togo no alto de uma pedra, relata que eles nunca vão embora, ficam com você enquanto viver, atrelados ao seu coração, dando tudo de si, sempre (sic).

Fonte: Marciele Lazzari

Categoria A - Animal e Relação com o Trabalho

Cena 01: Constância está no quarto cuidando de um filhote de cachorro na cama do casal. Quando o esposo chega, os dois conversam a respeito da situação, afirmando Seppala que o Alaska pode ser cruel com os fracos e a esposa o questionando sobre dar uma chance à vida do animal.

Cena 02: Casal está realizando trabalhos fora de casa e conversam sobre o filhote. Ela o questiona sobre dar uma chance ao animal no trenó, visto que o mesmo se mostra rápido. Seppala então diz que o animal é intreinável, passando mais tempo preenchendo buracos que o cão faz do que deveria e afirma que irá oferecer o filhote a um morador da cidade que se interessou. Constância se mostra triste e o esposo a lembra que a utilidade dos cães é exclusiva para a atividade laboral.

Cena 03: Seppala, no trajeto em busca do antídoto, tem a lembrança que por duas vezes tentou se desfazer de Togo. Na segunda vez, o animal foi levado por ele e a esposa na casa de uma mulher que o queria para a guarda da residência. No trajeto, Constância, mais uma vez, apresenta-se triste e o esposo afirma que tudo o que vê no cão são problemas, perda de tempo e fracasso.

Cena 04: O filhote foge da casa onde o haviam levado e encontra Seppala no trenó com os outros cães. Pelo cão insistir em permanecer na frente do grupo, o tutor decide testá-lo no trenó, chegando em casa com o animal na frente de todos os demais, como líder da matilha. A partir disso, Seppala reconhece que a esposa estava certa sobre o animal e decide chamá-lo de Togo.

Considerando o filme ser do ano de 1925, pode-se analisar que a relação estabelecida entre humano e animal, na época, estava voltada para a ideia do antropocentrismo. Ribeiro (2011) afirma que a espécie humana, neste período, tinha uma posição hierárquica de superioridade em relação ao não humano e o pensamento estava fundado nas forças sociais, econômicas e culturais. É possível se identificar nas falas de

Seppala com a esposa, em que este enfatiza que os cães não são considerados amigos, nem de estimação, nem filhos, mas animais de trabalho. Além disso, e, segundo a posição da mesma autora, é importante destacar que a lógica racional da época tratava o homem como tendo capacidades de linguagem, emoção, raciocínio e consciência que não faziam parte da espécie animal, sendo considerado um privilegiado na natureza e que poderia exercer o poder naquilo que era diferente de si para as suas necessidades. Esta questão envolta da racionalidade pode ser percebida quando Seppala analisa o filhote como tendo mais imperfeições do que tamanho, além de o considerar mentalmente deficiente, sem inteligência e intreinável para ser utilizado como um meio de trabalho. E, a partir desta concepção, ele age com mesma superioridade e poder ao desigual considerado na época, tentando se desfazer do animal por duas vezes ao enxergá-lo apenas como um problema, perda de tempo e fracasso.

Partindo do mesmo pressuposto, Constância tenta transformar o pensamento antropomórfico do esposo, mostrando que através dos seus cuidados com o animal identificado como frágil perante os demais, este poderia se tornar um sobrevivente diante da realidade do Alasca. Entretanto, o companheiro se utiliza do que até então foi praticado e ensinado para agir conforme o esperado no período, o considerando apenas como um meio para a prática laboral e que não deveria ocupar outro espaço além desse, como o fato de estar no quarto do casal. Aqui, pode-se utilizar novamente a ideia de Ribeiro (2011), quando esta aborda que o poder de dominação do homem em relação ao animal era justificado pelo orgulho, impedindo que ocorresse a preocupação com o não humano de maneira a precisar utilizar a emoção na relação e o tratar de forma diferente para o considerado aceito na época.

Também, é possível se observar, logo no início do artefato, que entre Constância e o filhote parece estabelecer-se um vínculo considerado como o de reconhecimento, proposto na teoria de Zimermam (2010), e que estaria presente na relação entre as partes envolvidas. O reconhecimento do outro, desenvolvido pelo mesmo autor, diz respeito a alguém diferente dele. Esse aspecto pode ser identificado quando Constância consegue visualizar o cão como um ser vulnerável e, por isso, ultrapassando o limite que o esposo coloca na relação com os animais de trabalho, levando-o até a cama do casal para exercer os cuidados necessários. Da mesma maneira, ela percebe o filhote como rápido e que o esposo deveria dar uma chance ao animal no trenó, passando a acreditar na capacidade do mesmo e se mobilizando diante da situação de se desfazer do cão. Esse desapego, até então, parece não ter acontecido da parte dela, podendo remeter ao fato de ter sido um dos

poucos animais com quem teve um contato mais próximo, por se mostrar frágil e requerendo cuidados em relação aos demais. Assim também, podendo ter desenvolvido ao longo do processo o considerado vínculo de amor, que foi proposto por Bion, e retomado junto à teoria de Zimermam (2010), tratando-se de aspectos como afeição, compaixão e misericórdia.

Outra questão importante a ser destacada aqui é a ideia de domesticação desenvolvida por Ribeiro (2011), que aborda esse conceito como sendo o animal que precisa se adaptar ao humano e ao meio em que vive. Alguns fatores são destacados pela mesma autora e relacionados ao processo de domesticação, como o fato da alta velocidade de crescimento; convivência e respeito ao líder e; resistir à prisão. No artefato esse processo ocorre quando o tutor considera o animal pequeno demais para ser colocado no trenó; se apresentar extremamente ativo, não respeitando o grupo e as instruções de Seppala e; ainda, fugindo em direção ao trenó nas vezes em que ficou preso. Dessa maneira, levando Seppala a querer se desfazer do animal por considerá-lo intreinável.

Também, é possível se observar na cena quatro e que altera a visão de Seppala em relação ao filhote, que este se permite agir de forma contrária daquilo que sempre havia dito até então, e dar uma chance ao animal considerado por ele como intreinável para atuar no trenó. Admirado com o seu desempenho, parece iniciar, a partir disso, um vínculo voltado para o conhecimento e reconhecimento das capacidades do animal, descritos na teoria de Bion e retomados por Zimermam (2010). Segundo os mesmos autores, o conhecimento está relacionado aquele que conhece e o que quer ser conhecido, já o reconhecimento, se voltar para si, do outro, ao outro e pelos outros. A partir disso, pode-se identificar que Seppala se permite conhecer Togo que, pela sua insistência em querer acompanhar o trenó, demonstra querer ser conhecido diante da sua capacidade. Também, o reconhecimento de Seppala com relação à esposa, a qual estava certa perante o animal. Essa atitude pode estar constatando uma desmistificação do que até então apenas era conhecido e correto na visão desse homem, entendendo através de outra perspectiva da qual estava acostumado, que um animal pode ser diferente dos demais, um cão líder que superou o restante do grupo.

Categoria B - Vínculo e Culpa

Cena 05: Seppala pede para a esposa sentar-se ao seu lado na cama e chamar para que o animal entre no quarto, visto que o mesmo encontra-se deitado na frente da porta. O filhote não a obedece e Seppala vai até ele, reforça o seu comportamento e o permite lambar o seu rosto.

Novamente, é possível se pensar sobre o processo de domesticação, que segundo Elias (1994), em Gaedtke (2019), propõe que para o animal conviver em harmonia com os humanos necessita passar pelo controle através do adestramento e da convivência com outros animais, visando mudanças comportamentais relacionadas a excesso de latidos, hiperatividade, destruição de objetos, dentre outros. Para complementar, Gaedtke (2019) aborda que este processo também é vivenciado pelos humanos quando aparece nas mudanças de rotina que a vinda de um animal gera no contexto familiar, surgindo em forma de afeto e responsabilidade. Nesta cena cinco, considerando que Seppala é adestrador de cães, ele pede o auxílio da esposa, permitindo que o cão entre na casa, mas limitando o seu espaço que, no caso, se restringe à porta do quarto do casal, reforçando, assim, o seu comportamento e autorizando que o animal lamba o seu rosto. Ainda, Bion apresenta o termo vínculo de amor que é retomado por Zimermam (2010) que, considerando a cena em questão, Seppala admira-se com o desempenho de Togo e ao identificá-lo como líder, e não propriamente um cão de trenó, começa a modificar a sua compreensão diante da relação com o animal, passando a permitir que Togo fique dentro de casa e lamba o seu rosto, podendo remeter que uma postura de vínculo de amor se inicie entre os dois.

Cena 06: Seppala é avisado sobre um surto de difteria entre as crianças que vem se espalhando há mais de uma semana. Ao se direcionar ao local da reunião sobre a busca de um antídoto encontrado, diz que a tempestade que se aproxima vai ser ruim como nunca e refere ao comportamento de Togo, onde o mesmo, pela primeira vez em 12 anos ignorou a sua natureza de ir ao encontro das renas, para ir diretamente ao celeiro.

Cena 07: Casal está na cama conversando sobre a possibilidade de Seppala ir em busca do antídoto. A esposa, mostrando-se preocupada, o questiona sobre não levar Togo, mas outro cão em seu lugar. Que um trajeto longo como aquele poderia levar o cão à morte, o lembrando do apego que tem pelo animal e que Seppala não estaria preparado para as consequências.

É possível se identificar na cena sete que diante de um apego seguro desenvolvido na relação entre o casal e Togo, Constância ativa seu repertório comportamental. Esse

aspecto, na teoria de Bowlby (1997), estaria relacionado a quando uma pessoa se mostra assustada e em alguma situação de doença, essa conduta depende da idade, sexo e do contexto em que o sujeito está inserido, além de como foram as experiências iniciais. Esse comportamento da esposa de Seppala se mostrou na preocupação com Togo em realizar um trajeto longo para a sua idade, no choro apresentado por ela durante a fala e, no desejo de mantê-lo próximo, a fim de tentar evitar o pior que, neste caso, está relacionado à morte do animal e, buscando garantir mais tempo de vida ao cão. Também, Bowlby (1997) aborda que esse sistema é ativado diante do desconhecido, da fome e da exaustão. Assim, pode-se relacionar à reação de Seppala, quando este tenta evitar se conectar com a situação e se sente ameaçado apenas na possibilidade de pensar em enfrentar o trajeto sem a sua figura de apego.

Cena 08: Seppala conversa com Togo sobre o trajeto a ser realizado. Com os cães em seus postos no trenó, Constância se aproxima de Togo, agacha-se e pede para que o animal traga a esposa de volta, assim como, que o mesmo retorne para ela também.

Parkes (2009) aborda o conceito de base segura, relacionada com a capacidade de confiar em si mesmo e no outro. Também, Bowlby (1997) menciona que o sujeito entende que tem esta base segura quando passa por dificuldades e possui outros que podem auxiliar. É possível se pensar no caso da cena oito que Seppala, além da esposa, conta com Togo para realizar o trajeto e alcançar o objetivo que é pegar o antídoto. Para complementar a ideia, Parkes (2009) cita que é a partir de uma base segura desenvolvida na infância que o indivíduo compreende que pode ajudar a si mesmo e buscar amparo quando necessário. Além disso, Bowlby (1997) aborda que a personalidade do sujeito está relacionada a este conceito e dois pontos principais são abordados por ele, como ter ou não uma figura que forneça uma base segura durante cada fase da vida e o fato de ser capaz ou incapaz de reconhecer alguém como digno de confiança e, assim, poder estabelecer uma base segura. Pode-se identificar que a relação de Seppala com Togo se fortalece na interação entre os dois e o mesmo reconhece, como pode-se observar na cena seis, que pode confiar na capacidade de Togo, ao considerar importante validar o comportamento do animal perante a tempestade no Alasca, podendo também remeter ao fato de já trabalhar com cães há algum tempo e conhecer a origem de determinadas condutas dos mesmos. Além disso, é possível se perceber que Seppala demonstra sentir-se mais seguro na presença do animal, quando decide realizar o trajeto com Togo.

Cena 09: Seppala consegue parar o trenó que estava em alta velocidade diante de um precipício e pede para Togo voltar e puxar o restante do grupo. O animal com certa dificuldade consegue fazê-lo e se direciona ao seu tutor, que reforça ele e os demais cães, permitindo Togo lambe o seu rosto, além da preocupação que apresenta ao relatar que precisa cuidar da pata machucada do animal.

Cena 10: Ao precisar atravessar o Golfo de Norton congelado que começa a rachar-se, Seppala busca, através da sua fala, motivar os cães enquanto atravessam juntos. Ainda, menciona os nomes, dele e de todos os animais e, diz que ficarão para a história.

Cena 11: Seppala está na estalagem com outros dois colegas e Togo. Um deles, parecendo preocupado, diz para Seppala deixar Togo com ele até a situação climática melhorar. Seppala responde com certa agressividade para o amigo cuidar dos seus cães. Mas, ao ver o colega tentando retirar-se do local, pede desculpas pelo ocorrido e diz que a responsabilidade é sua, agradecendo pela preocupação com o cão.

Na teoria de Bowlby (1997), o autor aborda que o comportamento de apego é aquele que diz respeito a todo o tipo de relação que o sujeito é capaz de alcançar e manter próximo de si. Estes, segundo o mesmo autor, costumam ser mais bem identificados na infância, mas podem dar origem aos que se manifestarão ao longo do ciclo vital. Sabe-se, a partir da mesma teoria, que os indivíduos sentem a necessidade de vincular-se com outros e que isso pode diferenciar conforme as espécies. Dessa maneira, é possível se identificar, na cena 11, que diante de um apego seguro que parece ter se desenvolvido entre o tutor e Togo, Seppala ativa seu repertório comportamental em relação à possibilidade de se distanciar da sua figura de apego. Isso é observado quando Seppala reage com tom parecendo de agressividade perante dar continuidade ao seu objetivo sem a sua base segura, aquela que lhe permitiu até então enfrentar os obstáculos que encontrou pelo caminho. Esse comportamento é apresentado por Seppala como uma possível ansiedade e raiva, ativando assim, o comportamento de buscar manter próximo de si a sua figura de apego. Bowlby (1997) descreve que o conceito de base segura é identificado em uma relação em que as partes estejam envolvidas por um período de tempo em anos. Esse aspecto pode ser observado na relação de Seppala com Togo, 12 anos de convivência. Bowlby (1997) cita ser importante haver a manutenção, interrupção e renovação do laço para que as emoções surjam. Essa manutenção no artefato pode ser analisada nos trajetos realizados pelo tutor e o animal, na convivência diária entre os dois e manifestada por

Seppala diante da evitação dele de estar conversando sobre a possibilidade de ter que escolher levar ou não Togo, uma vez que implica na possível ameaça em perdê-lo.

Cena 12: Novamente, precisando atravessar o Golfo de Norton que descongela-se com mais rapidez, Seppala decide arremessar Togo em terra firme para que o animal puxe ele e o restante do grupo que encontram-se em um bloco de gelo distante. O animal consegue fazê-lo e quando todos encontram-se em terra firme, Seppala reforça verbalmente o esforço de Togo e o restante do grupo.

Nas cenas 9, 10 e 12, pode se identificar como muito presente o vínculo de reconhecimento, descrito por Zimermam (2010). O autor o aborda a partir de quatro vértices, a de si mesmo, compreendendo-se; do outro, como alguém que difere de si; ao outro, como formas de agradecer e; pelos outros, como maneira de preservar a sua autoestima. Nas três cenas destacadas é possível se observar que, no trajeto de ida e volta em busca do antídoto para o Alaska que enfrenta uma séria epidemia entre as crianças, Seppala se utiliza dos termos: bons meninos, que ficarão para a história, que não parem, para ter foco, identificando nestes que o reconhecimento está voltado ao outro, expressando gratidão pela luta que juntos estão enfrentando em busca do objetivo, além do vínculo voltado pelos outros, identificando o quanto esse trajeto para conseguir o antídoto é importante para o seu status pessoal e profissional. O vínculo de amor que é apresentado por Bion e abordado na teoria de Zimermam (2010), está relacionado à afeição, compaixão, solidariedade, além da capacidade resiliente de um indivíduo. Este também é observado, mais precisamente na cena nove, na qual Seppala demonstra preocupação ao ver a pata de Togo sangrando e diz que precisam cuidar desta na estalagem. Também, pode-se identificar na coragem de Seppala, em arriscar a sua vida e a de seus cães em busca do antídoto, demonstrando o amor que tem pela profissão e sua capacidade de enfrentar fortes tempestades, motivado por força e desejo de alcançar o seu propósito.

Cena 13: Seppala, no retorno do trajeto, apresenta dificuldades em enxergar por conta dos fortes ventos e da neve no Alaska. Portanto, pede para Togo realizar o percurso com o grupo até a próxima estalagem. Ao ser encontrado por duas pessoas e perceber que o cão o levou aonde pediu, carrega o animal no colo e adormece ao seu lado diante de uma lareira. No dia seguinte, agradece aos colegas pela hospedagem e por ter tratado seus cães como família, dando continuidade ao seu trajeto.

Nesta última cena, mais uma vez, pode-se identificar que o animal fornece uma base segura à Seppala, sinalizando para que Togo faça o trajeto com o restante do grupo,

por seu tutor se mostrar exausto e não conseguindo enxergar, por conta da tempestade de neve. Desta forma, é possível se pensar que ocorre a renovação do laço entre os dois, tendo sido expressa na satisfação de Seppala quando percebe que Togo o levou aonde havia pedido. Esta ideia é trazida na teoria de Bowlby (1997), abordando que as emoções irão surgir a partir da manutenção, interrupção e renovação da relação entre os que desenvolveram uma base segura, além de descrever a manutenção como algo que prevê ao indivíduo segurança e a renovação como origem de alegria manifestada pelo sujeito.

Nesta categoria também, identifica-se o entendido processo de domesticação voltado ao ser humano que é abordado na teoria de Gaedtke (2019), relacionado ao afeto e responsabilidade, nas mudanças de rotina que a família tende a realizar quando adquire um animal, quanto aos cuidados que o adoecimento e envelhecimento propõem para as pessoas, além do contato diário parece mostrar-se presente no artefato. Considerando isso, quando Seppala observa que o animal encontra-se deitado no chão e o entende como cansado, o carrega no colo e o leva junto de si para a estalagem, adormecendo os dois lado a lado em frente à lareira. A convivência com os animais que, primeiramente esteve fundada na utilidade deste apenas como meio de trabalho, ideia trazida por Ribeiro (2011) e que não havia espaço para outro tipo de relação, segundo forças sociais, econômicas e culturais do período, a mesma autora aborda que a partir da capacidade de domesticação do animal, a relação entre as partes começou a se modificar, percebendo-se os vários benefícios diante deste contato. O que se pode pensar é que isso tenha ocorrido entre Seppala e Togo, que uma nova visão foi concebida a partir do convívio com o cão, o qual passa a ser destinado para além do trabalho, como um animal de companhia.

Também, identificou-se o conceito de família, descrito na teoria de Gameiro (1992) em Rodrigues (2015), que não deve ser pensada de maneira isolada, possuindo nesta rede um conjunto de relações e emoções, além de um sistema que é produzido e influenciado uns pelos outros. Para complementar, Osório (2006) em Rodrigues (2015), aborda que este contexto é importante para o ser humano, considerando o espaço de trocas entre os integrantes, além de juntos poderem enfrentar as diferentes situações do dia a dia. Também, cabe destacar o conceito de multiespécie, que é abordado por Bowen (1978) em Gaedtke (2019), como se referindo a um sistema que não compreende apenas pessoas da família, mas sim, outras espécies, como é o caso de cães. Macedo (2008) em Gazzana e Schmidt (2015), aborda que essa configuração ultrapassa o laço de sangue, incluindo a proximidade, intimidade e vínculos afetivos. Isso pode ser observado nas cenas recortadas do artefato e intensificando-se na relação que se estabelece entre Seppala e Togo, que faz

com que o primeiro passe a considerar os demais cães como família, a partir da sua fala. Assim como, o quão importante é cada um que está presente no trajeto em busca do antídoto, os cães e as pessoas, que oferecem suporte e acolhimento nas estalagens ao longo do percurso, contribuindo para que tudo saia conforme o esperado e se consiga o antídoto.

Ainda, nas cenas 8, 9, 10, 12 e 13 é possível se identificar algumas características que, segundo estudo de Archer (1997) em Silva e Medeiros (2014), estão relacionadas com a situação de o animal ser considerado um integrante da família e demonstrando o nível de apego desenvolvido na relação, como o fato de falar e interagir com o mesmo. Além do aumento no desenvolvimento de habilidades e responsabilidade com o animal, que é descrito por Gazzana e Schmidt (2015) na relação estabelecida. Isso é observada na cena oito, quando Constância se agacha diante de Togo e conversa com ele para que traga Seppala de volta e retorne com ele também. Em relação ao tutor, na mesma cena em que conversa com o animal sobre o trajeto a ser realizado, que precisam ser inteligentes e Togo puxar o trenó diante do comando, obedecendo e questionando o animal se este acha que consegue. Da mesma maneira, na cena nove, Seppala pede para que Togo puxe o trenó e o restante do grupo, dizendo que a próxima vez que for para o lado errado o animal poderia o mandar para o inferno. Na cena 10 e a partir da relação que desenvolve com Togo, observa-se que Seppala também conversa com o restante dos cães quando precisam atravessar o Golfo de Norton e reforça os animais com palavras de motivação, que o gelo não tem coragem para a luta, que este irá embora, estando seu passaporte já carimbado e, citando os nomes dele e dos cães dizendo que ficarão para a história, além de se utilizar nesta categoria de expressões como muito bom, não parem, foco e bons meninos.

Partindo do mesmo pressuposto e se utilizando do estudo de Archer (1997) em Silva e Medeiros (2014), na cena 12 em que novamente precisam atravessar o Golfo de Norton, Seppala conversa com Togo para que este puxe o trenó e que o bloco de gelo onde estão consiga se aproximar da terra firme. Quando o animal consegue, o tutor diz "bela luta Togo" e "bons meninos" aos demais cães. E, por fim, têm-se a cena 13 em que também é possível perceber a relação segura que se desenvolve entre Seppala e Togo quando o primeiro se desculpa com o animal em não conseguir ajudá-lo por conta dos ventos fortes e da neve no Alasca tendo, diante disso, pedido para o animal conduzir o trenó até a estalagem de Bili, o motivando com bom menino e afirmando que sabia que Togo conseguiria. Também, o que se pode considerar nesta categoria é o fato de Seppala permitir que o animal lamba o seu rosto em algumas cenas em destaque que pode remeter a essa relação de proximidade e vínculo com o animal, permitindo que este contato ocorra.

De acordo com Archer (1997) em Silva e Medeiros (2014), os animais parecem preencher algumas necessidades do ser humano, se apresentando como fonte de segurança e efeito calmante em situações de estresse do tutor. A partir disso e nesta categoria, pode se pensar que Togo foi uma figura que forneceu essa garantia nas diversas situações em que o tutor se mostrou preocupado perante o trajeto e as dificuldades do mesmo. Para complementar, Archer (1997) em Silva e Medeiros (2014), aborda ainda, os benefícios da relação entre humano e animal voltados para a saúde física e psíquica, utilizando exemplos como a diminuição das reações de estresse, sensação de bem-estar, no cuidado pessoal e autoestima. Também, segundo Almeida (2009) em Gazzana e Schmidt (2015), a diminuição das tensões entre os membros da família. Estes parecem ter sido, de alguma forma, identificados ao longo do filme, o aumento da autoestima quando Seppala identifica Togo como líder do grupo e demonstra se sentir bem a partir do que decide, desaparecendo todo o estresse que estava envolvido na relação dele com o animal e que se voltava para Constância por ela querer ficar com o mesmo, que era primeiramente identificado por ele como perda de tempo e fracasso.

Também, na cena 13 e compreendendo-se que a relação entre humano e não humano parece suprir algumas necessidades do homem, os tutores realizam o papel de proteger o animal, conforme Gazzana e Schmidt (2015). Isso pode ser observado quando Seppala carrega o animal no colo e o leva para a estalagem, adormece agarrado a ele, o acariciando, demonstrando cuidado e proteção. Também, que o processo de domesticação em relação ao ser humano ocorre e é desenvolvido na teoria de Gaedtke (2019), descrito como aparecendo na forma de afeto, responsabilidade no cuidado com o animal e, na transformação quando ocorre o envelhecimento e possível adoecimento deste. Considerando isso e a partir de Bowlby (2002) em Gazzana e Schmidt (2015), a pessoa que cuida do animal representa proteção, conforto e suporte que se torna base para uma relação feliz e saudável. Também, que a partir da relação estabelecida, ocorra mudanças comportamentais no ser humano, fazendo com que este desenvolva habilidades e responsabilidade nos cuidados com o animal, conceitos trazidos por Gazzana e Schmidt (2015).

Categoria C – Luto Antecipatório e Elaboração

Cena 14: Togo encontra-se deitado na cama do casal. Seppala e Constância permanecem ali, de pé, abraçados e observando o cão por um tempo. À noite, o casal recebe a visita de

uma criança que foi curada com o soro trazido por Seppala e os cães. A menina, acariciando o cão, pergunta à Seppala se Togo irá morrer. Logo, ele se direciona para fora de casa e diz para a esposa que tudo aquilo que havia tentado alertá-lo estava acontecendo, que por sua causa Togo iria morrer e que não estava preparado para isso.

Cena 15: Seppala pede perdão a Togo por não poder levá-lo para trabalhar consigo no trenó. Quando sai com os outros cães, o animal consegue abrir a porta da casa e correr em sua direção. A partir disso, resolve parar de trabalhar com cães por conta de Togo. Seus dois anos seguintes foram ocupados na posição de gerador de filhotes e realizando caminhadas com o casal, tendo percebido Seppala, que o cão não vivia para o trenó, mas sim, para o tutor.

Cena 16: Pôr do sol e varanda. Togo deixa o casal em uma quinta-feira de dezembro. A partir disso, Seppala e Constância decidem voltar a trabalhar com cães, tendo destacado ele em uma fala que quando se passa muito tempo com os animais, estes ficam tatuados na pele e nunca vão embora, permanecendo junto enquanto viver e ligado ao coração.

Nesta categoria, aborda-se sobre um luto antecipatório, conceito desenvolvido por Helman (2003) em Casellato (2015), descrito como o que vem diante de uma doença sem cura, incluindo as perdas que resultam das enfermidades, alterando papéis e funções no grupo familiar, ocorrendo a morte social antes da biológica. Além de sentimentos de impotência diante da perda de saúde ou a enfermidade do animal, segundo Oliveira (2013) e Bromberg (1996) em Casellato (2015). Este luto parece ter sido vivenciado por Seppala quando depara-se com a fala da criança pedindo se Togo iria morrer e, se dando conta, a partir disso, que o animal não estava apenas com a pata machucada, mas adoecendo de um modo geral, causando o sentimento de fraqueza e se direcionando para fora da casa diante da consciência perante a situação de fragilidade do animal e por tê-lo exposto ao trajeto como a principal causa disso.

Mais uma vez, nesta categoria, é possível se identificar que Togo pode ter sido considerado um integrante da família e o nível de apego estabelecido entre os dois ao ponto de oportunizar que o cão durma na cama do casal. Conforme Archer (1997) em Vieira (2019), os animais que antes ficavam fora das residências, atuando apenas como meio de trabalho passam a ser inseridos no interior das casas, sendo alimentados por comida especial, além dos cuidados oferecidos. Também, um animal é identificado como membro da família, quando o tutor carrega a fotografia do mesmo, quando este permite que o animal durma na cama e converse com este, segundo Archer (1997) em Silva e

Medeiros (2014). De acordo com Gazzana e Schmidt (2015), os animais acabam assumindo, em muitas situações, o papel de um amigo e de um membro familiar, tanto com pessoas que moram sozinhas, quanto em famílias com ou sem filhos. Isso pode se pensar em relação ao artefato, considerando que o casal não possui filhos e Togo assumir um novo espaço na vida dos dois, proporcionando cuidado com relação à vida do animal e como a manutenção dos curativos na pata do cão. Gaedtke (2019) considera que quando se obtém um animal ocorre também um processo de domesticação em relação ao ser humano, quando este transforma a sua rotina diante do adoecimento e envelhecimento do mesmo, fornecendo carinho e responsabilidade no tratamento deste. Aqui, torna-se importante abordar o conceito de Ribeiro (2011), considerando que a convivência entre humano e animal, que inicialmente se apresentava na dominação e utilitarismo por parte do primeiro ao entendido como desigual, se modifica ao longo do tempo, oportunizando que o animal seja considerado de companhia, identificando os vários benefícios da relação e que este tenha uma vida digna. Pode-se pensar que isso ocorre com Togo a partir do seu envelhecimento e adoecimento o que, de início ficava apenas na porta do quarto e, após, deitado na cama do tutor.

Considerando isso, na teoria de Parkes que é descrita por Oliveira (2013) e Bromberg (1996) em Casellato (2015), o autor aborda o luto como o preço que se paga pelo amor e, além disso, as perdas envoltas do contato diário, do afeto e dos cuidados que foram oferecidos. Na teoria de Parkes também é descrito que diante de um vínculo que é rompido o processo de luto se inicia, tornando-se natural e saudável. E é dessa maneira que todas as situações que causam algum tipo de mudança no mundo presumido, abordado em Parkes (2009), ou seja, aquele que é entendido e tido como conhecido pelo sujeito provoca tensão, ansiedade, insegurança, até que as mudanças de fato aconteçam, fazendo com que o sujeito reveja seus conceitos e reorganize a sua vida. Isso pode ser pensado através do filme *Togo*, quando Seppala sai apressado e preocupado de casa, pois o fato de ter se conectado diretamente com a possibilidade de perda do animal abala o seu mundo presumido e o coloca diante de uma nova realidade, na qual precisa encontrar estratégias de enfrentar a situação.

Outro ponto relevante a ser destacado nesta categoria são as fases do luto, descritas por Bromberg (2000) em Casellato (2015) e identificadas como entorpecimento, no choque diante da notícia de morte e por não saber como lidar com a dor; a ansiedade de separação, negando o que ouve e vê para alimentar esperanças de permanência do animal. Também, a culpa, descrita por Ross e Baron-Sorensen (2007) em Casellato (2015), como diante de

uma possível decisão de eutanásia; a raiva/protesto que, segundo Bowlby (2004) em Casellato (2015), podem se voltar a familiares, amigos e médico veterinário que cuidou do animal e; por fim, a depressão, podendo o indivíduo ficar deprimido por um maior ou menor período de tempo, de acordo também com Bowlby (2004) em Casellato (2015). Essas fases podem ser pensadas a partir da reação de Seppala quando a menina pede se Togo irá morrer e, na tentativa de fuga da situação pela dor causada diante da possível morte do animal e por não saber o que responder, se direciona para fora da casa. É possível se identificar a presença de uma ansiedade de separação, aparecendo nas atitudes de Seppala em relação ao cão que até a menina não o ter questionado sobre Togo, este tentou minimizar o que enxergava, alimentando esperanças de que o animal ficaria bem e que o problema era somente a pata. A culpa, pode ser pensada quando Seppala atribui a si o fato de Togo, que já se encontrava no processo de envelhecimento adoecer, por ter decidido que o animal realizasse um trajeto longo em busca do antídoto para a cidade. A raiva/protesto, a partir do comportamento protestante do tutor diante da possibilidade da perda de Togo, admitindo que a criança estava certa, que não era só a pata que estava ruim, que ele e Constância já haviam visto isso antes, além de afirmar que a esposa foi precisa quando tentou alertá-lo sobre o que poderia acontecer e que realmente ele não se sentia preparado para enfrentar aquilo. E, um estado deprimido, podendo ser pensada que a partir do envelhecimento e adoecimento de Togo, o qual não pode mais puxar o trenó e ser a base segura de Seppala nos trajetos, quando este pede perdão ao animal ainda em vida quando precisa trabalhar, mas não pode o levar diante da situação em que se encontra.

Bowlby (1998) apresenta algumas condições que influenciam no processo de luto, sendo a identidade e papel da pessoa perdida, relacionado ao quão dependente o enlutado era; as causas e circunstâncias da perda, súbitas ou previsíveis; se exigiu um período de cuidados da parte do enlutado; como foi a relação das partes antes do falecimento; circunstâncias sociais e psicológicas que afetam a pessoa enlutada, relacionado a onde mora o sujeito, se reside sozinho ou com outras pessoas; qual a situação socioeconômica em que o enlutado se encontra; se possui familiares e amigos que possam prestar auxílio durante o processo; além da capacidade do sujeito de estabelecer novas relações e de reagir diante de situações estressantes, influenciando na maneira de vivenciar o processo, assumindo um luto normal ou complicado. Isso pode ser pensado a partir da relação entre Seppala e Togo, na dificuldade do tutor em pensar em realizar o trajeto sem a sua figura de apego; a morte do animal ser considerada como previsível pela idade de Togo, seguido por um período de assistência da parte de Seppala e da esposa quanto ao cuidado com o animal frágil, trocando a função do Togo que, primeiramente, estava mais direcionada ao trenó

para depois se tornar um animal de lazer e companhia, além de colocá-lo na posição de pai e gerador de filhotes; Seppala residia em uma casa simples no Alaska, junto da esposa, tendo optado parar de utilizar o trenó como um meio de trabalho enquanto Togo estivesse junto, remetendo que apesar da simplicidade vista, o casal já trabalhava em casa e conseguiu se adaptar financeiramente diante da situação, até por comercializar filhotes a quem interessava-se; do contato com a esposa diante da mudança que o casal decidiu realizar para com Togo, realizando caminhadas os três juntos, permitindo-se realizar paradas e se sentarem os três na varanda e; por fim, a capacidade de enfrentamento de Seppala, quando este passa por fortes tempestades e arrisca a sua vida para exercer o seu trabalho, além de conseguir se reorganizar a partir do adoecimento e morte do animal, podendo se considerar que o pouco do que se foi percebido no final do filme diante do processo de luto, este tenha ocorrido de maneira normal.

Outro aspecto a se considerar é o processo dual de luto, abordados por Stroebe e Schut (1999; 2001) em Casellato (2015), sendo uma oscilação que ocorre no processo de luto, permitindo a reorganização diante de uma perda, que é abordado também por Parkes (1998) em Casellato (2015). Estes mesmos autores consideram que uma oscilação direcionada à perda seria quando o tutor descreve sentimentos de saudade, dor, impacto da ausência e consciência da perda. Por outro lado, estes também descrevem a oscilação voltada para a restauração, quando o enlutado apresenta atitudes e pensamentos voltados para uma busca de conforto, motivando-se nos cuidados com os outros animais e no estabelecimento de relações com novos. Essa oscilação direcionada à perda diante do filme é identificada na lembrança durante um trajeto de trenó com os cães, quando Seppala tem a lembrança de Togo no alto de uma pedra e voltada para a restauração quando ele decide junto da esposa retornar as suas atividades com os cães. Dessa forma, segundo Ramos (2016), estaria ocorrendo uma adaptação frente ao processo de luto, em que ainda vai existir a necessidade de manter determinada proximidade com aquilo que perdeu, mas também, o sujeito precisar se desvincular do que se foi para poder investir em outras coisas e pessoas.

E é a partir disso que tarefas do luto são trazidas por Worden (1998), como aceitar a realidade da perda, compreendendo que o que foi perdido não irá retornar; elaborar a dor da perda enfrentando o sofrimento causado e; por fim, ajustar-se a um contexto onde está faltando o que foi perdido. Para complementar este entendimento, Casellato (2015) menciona que para uma elaboração ser considerada saudável necessita da aceitação da figura perdida e o estabelecimento de uma nova forma de vinculação com o que faleceu,

integrando o ocorrido na nova realidade. Isso pode ser pensado através de Seppala que, a partir da sua fala “quando se passa muito tempo com eles, estes ficam tatuados em sua pele e, caso tenha a sorte de conhecer um dos grandes, tendo tido por alguns instantes a lembrança de Togo, relata que eles nunca vão embora, ficam com você enquanto viver, atrelados ao seu coração, dando tudo de si, sempre” (sic), pode remeter a este novo olhar para o animal diante da perda da relação estabelecida com Togo.

E, por fim, em relação à família e que é importante destacar em um processo de perda que, segundo Rodrigues (2015), irá ocasionar alteração de nível físico e psíquico para o sujeito e influenciará no contexto familiar, além de considerar como um recurso eficaz para uma elaboração saudável. Walsh e McGoldrick (1995) em Ramos (2016), mencionam que há duas tarefas importantes diante de uma adaptação e fortalecimento do sistema familiar, que é quando existe o reconhecimento compartilhado e experiência comum de perda, possibilitando um espaço para uma comunicação clara diante dos sentimentos e emoções presentes e; a segunda tarefa, estaria relacionada a uma reorganização da configuração familiar e, o investimento em novas relações e projetos de vida. Também é possível se identificar nesta categoria, mais precisamente na cena 16, em que a família parece ter conseguido enfrentar o processo de adoecimento do animal, assim como, a sua morte, decidindo continuar trabalhando com os cães, apesar da perda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta todo o processo de construção e elaboração deste trabalho, destaco como muita válida e proveitosa a oportunidade de ter abordado um conceito relativamente novo na Psicologia, tendo em vista os muitos autores que contribuíram para a compreensão do assunto e que foram destacados ao longo do estudo. Da mesma maneira, os vários conceitos que se relacionam com o luto e diante de um processo de perda, sendo alguns, mundo presumido, base segura, estilos de apego, tipos de vínculos, além da importância de se validar a história de vida do sujeito que pode interferir na maneira com o que mesmo vivenciará o processo e de outras condições importantes que torna este singular. Destaco ainda, que objetivo geral do estudo que esteve em identificar possíveis contribuições da teoria do apego no processo de luto de famílias multiespécie, diante da perda de um animal de estimação foram atingidos de maneira satisfatória, mas que outros poderão surgir visto que poderá ocorrer a publicação de novos materiais e que nem todos que estavam disponíveis neste momento conseguiram ser abordados ao longo deste estudo.

Há de se considerar que cada vez mais famílias multiespécie estão surgindo, oportunizando ao seu animal um novo espaço, que pode ser o de amigo ou de um próprio membro na estrutura familiar, percebendo que diante deste contato tenha se identificado os vários benefícios envolvidos na relação estabelecida e que a aproximação se torne ainda mais significativa. Com base nisso, torna-se importante validar o sofrimento que estas pessoas enfrentam quando ocorre a morte do seu animal, considerando tudo o que já foi abordado neste estudo. E, mais ainda, que seja oportunizado um espaço de acolhimento e escuta para que o processo de luto seja vivenciado de uma maneira natural e saudável.

Quanto ao artefato, ressalto que muitas aproximações foram realizadas com a teoria construída durante o estudo, proporcionando uma maior compreensão no processo que se deu através da relação estabelecida entre tutor e animal e, ainda, da experiência de perda que ocorre no filme. Oportunizando, desta maneira, que a partir do material construído surja o interesse para outras pesquisas diante de um tema importante e que deve ser considerado pelo profissional de Psicologia.

Para finalizar, abordo ainda, que toda a compreensão que se deu com o tema luto, seja através das disciplinas, cursos, livros e artigos ofereceram grande suporte para o trabalho, mas também, muito conhecimento técnico que semanalmente coloco em prática durante os atendimentos psicológicos no estágio clínico. Auxiliando assim, o paciente na compreensão do processo que vivencia e que nem sempre o luto está relacionado à morte

de alguém, mas que pode estar voltado a uma separação conjugal, a um distanciamento familiar ou de amizade, a perda de emprego ou aposentadoria, a saída da casa dos pais, ao momento atual de pandemia, dentre outros que podem ser assim identificados. Se percebe, dessa maneira, que quando o paciente consegue nomear o que está passando, este consegue vivenciar o processo de uma maneira mais natural e reorganizar-se a partir da sua perda.

REFERÊNCIAS

- Basso, L. A., & Marin, A. H. (2010). Comportamento de apego em adultos e a experiência da perda de um ente querido. *Aletheia*, (32), 92-103. Acesso em 30 de maio de 2020 de <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/3522>
- Bowlby, J. (1997). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. (3a. ed.; A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1982)
- Bowlby, J. (1998). *Apego e perda: Perda: tristeza e depressão*. (v. 3; 2a. ed.; V. Dutra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1985)
- Casellato, G. (2015). *O resgate da empatia*. São Paulo: Summus Editorial
- Fante, N. P. (2019). *Dor sem escuta: sobre perdas e lutos não reconhecidos*. São Paulo: Zagodoni
- Gaedtke, K. M. (2019). Afeto e cuidado nas relações entre humanos e seus animais de estimação. *Revista de Ciências Sociais*, 24(3), 84-99. DOI: 10.5433/2176-6665.2019v24n3p84
- Gazzana, C. & Schmidt, B. (2015). Novas configurações familiares e vínculo com animais de estimação em uma perspectiva de família multiespécie [Resumo]. In Congresso de Pesquisa e Extensão da Faculdade da Serra Gaúcha. (Eds.) *Saúde e Ciências Agroveterinárias*, III Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG (p. 1001-1020). Caxias do Sul, Brasil
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6a. ed.). São Paulo: Atlas
- Giumelli, R. D. & Santos, M. C. P. (2016). Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 22(1), 49-58. Acesso em 20 de abril de 2020 de <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357746390007.pdf>
- Jordão, L. R., Faleiros, R. R. & Aquino, H. M. N. (2011). Animais de trabalho e aspectos éticos envolvidos: revisão crítica. *Acta Veterinaria Brasilica*, 5(1), 33-40. DOI: 10.21708/avb.2011.5.1.1837

- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. (H. Monteiro e F. Settineri, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed; Belo Horizonte, MG: UFMQ
- Meireles, I. O. & Lima, F. F. L. C. (2016). O luto na fase adulta: um estudo sobre a relação apego e perda na teoria de John Bowlby. *Revista Ciências Humanas, Educação e Desenvolvimento Humano*, 9(1), 92-105. DOI: 10.32813/2179-1120.2016.v9.n1.a274
- Mendes, D. F. & Bonorino, R. (2019). Benefícios da relação homem-animal [Resumo]. In Anais do 17º Simpósio de TCC (Eds.), 14º Seminário de IC do Centro Universitário ICESP (p. 1364-1372). Brasília: Brasil
- Nascimento, Coelho, Jesus & Martins (2006). Apego e perda ambígua: apontamentos para uma discussão. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 6(2), 426-449. Acesso em 10 de abril de 2020 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200008
- Parkes, C. M. (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. (3a. ed., M. H. Franco, Trad.). São Paulo: Summus (Trabalho original publicado em 1996)
- Parkes, C. M. (2009). *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações* (M. H. P. Franco, Trad.). São Paulo: Summus (Trabalho original publicado em 2006)
- Pontes, F. A. R., Silva, S. S. Da C., Garotti, M. & Magalhães, C. M. C. (2007). Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. *Aletheia*, 26, 67-79. Acesso em 15 de maio de 2020 de <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115013567007.pdf>
- Ramos, V. A. B. (2016). O processo de luto. *O Portal dos Psicólogos*, 1-16. Acesso em 15 de maio de 2020 de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>
- Ribeiro, A. F. De. A. (2011). Cães domesticados e o benefício da interação. *Revista Brasileira de Direito Animal*, 6 (8), 249-262. DOI: 10.9771/rbda.v6i8.11062

- Rodrigues, V. M. A. (2015). Uma revisão da literatura acerca do processo de elaboração do luto no sistema familiar e os manejos usados por psicólogos nesse contexto. *O Portal dos Psicólogos*, 1-20. Acesso em 20 de abril de 2020 de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0996.pdf>
- Silva, N. R. Da. & Medeiros, M. (2014). Amor e perda: a importância de acompanhar proprietários de animais terminais. *Revista Científica de Medicina Veterinária*, 1(1), 19-30. Acesso em 10 de maio de 2020 de <http://revista.faciplac.edu.br/index.php/Revet/article/view/123>
- Vieira, M. N. F. (2019). Quando morre o animal de estimação: um estudo sobre luto. *Psicologia em Revista*, 25(1), 239-257. DOI: 10.5752/P.1678-9563.2019v25n1p239-257
- Virtue, J. & Core, E. (2019). *Togo* [Filme]. Estados Unidos: Disney
- Worden, W. (1998). *Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental*. (2a. ed.; M. Brenner e M. R. Hofmeister, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1991)
- Zimmerman, D. E. (2010). *Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas*. Porto Alegre: Artmed